

"Para os fãs de *A Rainha Vermelha* e de *Game of Thrones*." – *Bustle*

DAMA DA NÉVOA



LAURA SEBASTIAN

Autora de Princesa das circoas

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a Obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.com](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como O menino do dedo verde, de Maurice Druon, e Minha vida, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou Muitas vidas, muitos mestres, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu O Código Da Vinci antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Título original: Lady Smoke

Copyright © 2019 por Laura Sebastian

Copyright da tradução © 2020 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Raquel Zampil

preparo de originais: Natália Klusmann

revisão: Carolina M. Leocadio e Suelen Lopes

diagramação: Valéria Teixeira

capa: Alison Impey

adaptação de capa: Gustavo Cardozo

imagem de capa: Billelis

mapas: Isaac Stewart

foto da autora: © Dan Wright Photography

e-book: Marcelo Moraes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S449d

Sebastian, Laura

Dama da névoa [recurso eletrônico]/ Laura Sebastian; tradução de Raquel Zampil. São Paulo: Arqueiro, 2020.

recurso digital (Princesa das cinzas; 2)

Tradução de: Lady smoke

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-306-0144-7 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Zampil, Raquel. II. Título. III. Série.

20-62860

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Todos os direitos reservados, no Brasil, por

Editora Arqueiro Ltda.

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

www.editoraarqueiro.com.br

PARA VOVÓ CAROLE,

porque, se algum dia conheci uma rainha rebelde, foi justamente ela

E PARA VOVÔ RICH,

por manter vivas as histórias dela.

Sumário

Prólogo

Sozinha

Segura

Família

Embate

Confissão

Correntes

Juntos

Queimada

Søren

Aula

Ataque

Reféns

Mattin

Honra

Confiança

Etristo

Sta'Crivero

Palácio

Casta

Jogo

Pretendentes

Às Escondidas

Campo

Anciãos

Marial

Charme

Goraki

Phiren

Piquenique

Treino

Assassinato

Proteção

Interrogatório

Prisão

Sonho

Masmorra

Amor

Disfarce

Ojo

Mina

Sacrifício

Máscara

Impotentes

Molo Varu

Trato

Vítima

Bolenzia

Choque

Fuga

Debandada

Refúgio

Navegar

Estratégia

Fantasma

Prontos

Berserkers

Batalha

Trégua

Rescaldo

Campo de batalha

Epílogo

PRÓLOGO

Minha mãe uma vez me disse que a paz era o único caminho para a sobrevivência de Astrea. Não precisávamos de vastos exércitos, observou ela, nem forçar nossas crianças a se tornarem guerreiras. Não cortejávamos a guerra como outros países, em um esforço de conquistar mais do que precisávamos. Astrea nos bastava, afirmou.

No entanto, ela nunca imaginou que a guerra viria até nós, cortejada ou não. Ela viveria apenas o suficiente para ver quanto a paz se sai mal diante das lâminas de ferro forjado e da ganância selvagem dos kalovaxianos.

Minha mãe era a Rainha da Paz, mas eu sei muito bem que a paz não basta.

SOZINHA

Sinto em minha língua o gosto forte e adocicado do café com especiarias, preparado com uma quantidade generosa de mel. Do mesmo jeito que Crescentia sempre pede.

Estamos sentadas no pavilhão, como fizemos mil vezes antes, canecas de porcelana fumegantes aninhadas em nossas mãos para espantar o frio do ar noturno. Por um momento, a sensação é a mesma de todas as outras vezes, um silêncio confortável pairando na escuridão à nossa volta. Sinto falta de conversar com ela, mas sinto falta disso também – de ficarmos juntas e não precisarmos preencher o silêncio com uma conversa fútil e sem sentido.

Mas isso é bobagem. Como posso ter saudade de Cress quando ela está sentada bem diante de mim?

Ela ri, como se pudesse ler a minha mente, e pousa a caneca no pires com um ruído que me faz estremecer. Ela se inclina sobre a mesa de metal dourado para tomar minha mão livre nas suas.

– Ah, Thora... – diz ela, cantarolando meu falso nome, como em uma melodia. – Também senti sua falta. Mas da próxima vez não vou.

Antes que suas palavras possam fazer sentido para mim, a iluminação acima de nossa cabeça se altera, o sol se tornando cada vez mais brilhante, até cada horrível centímetro de seu corpo ser totalmente iluminado. O pescoço carbonizado descamando, enegrecido pelo encatrio que mandei que lhe servissem, os cabelos brancos e quebradiços, os lábios cinzentos como a coroa falsa que eu costumava usar.

Medo e culpa tomam conta de mim à medida que as peças se encaixam em minha mente. Lembro-me do que fiz com ela e do porquê. Lembro-me do rosto dela do outro lado das grades da minha cela, cheia de fúria ao me dizer que celebraria minha morte. Lembro-me da grade fervendo nos pontos em que ela a tocara.

Tento recolher a mão, mas ela é rápida e me segura, seu sorriso de princesa de conto de fadas revelando presas cujas extremidades estão revestidas com cinzas e sangue. A pele dela queima a minha, ainda mais quente que a de Blaise. É como se o fogo me tocasse, e eu tento gritar, mas não sai som algum. Não sinto mais a minha mão e, por um segundo, fico aliviada antes de baixar os olhos e ver que ela havia se transformado em cinzas, desmanchando-se ao toque de Cress. O fogo sobe pelo meu braço e desce pelo outro, espalhando-se por peito, torso, pernas e pés. Por fim minha cabeça queima, e a última coisa que vejo é Cress, com seu sorriso monstruoso.

– Pronto. Não é melhor assim? Agora ninguém vai achar que você é uma rainha.

• • •

Minha pele está ensopada quando acordo, os lençóis de algodão enroscados em minhas pernas e também úmidos de suor. Meu estômago se revira, ameaçando pôr tudo para fora, embora eu tenha certeza de que não comi nada para ser expelido, exceto algumas crostas de pão na noite passada. Eu me sento na cama, levando a mão à barriga para controlá-la e piscando para acostumar os olhos à escuridão.

Levo um momento para perceber que não estou na minha cama nem no meu quarto e, por fim, que esse não é o palácio. O espaço é menor, a cama, pouco mais que um catre estreito com um colchão fino, lençóis puídos e uma manta. Meu estômago faz

um movimento brusco, de uma forma que me deixa enjoada antes que eu me dê conta de que não se trata dele – é o próprio quarto que está balançando de um lado para outro. Meu estômago simplesmente reflete o movimento.

Os acontecimentos dos últimos dois dias retornam à minha mente. As masmorras, o julgamento do kaiser, Elpis morrendo aos meus pés. Lembro-me de Søren me resgatando apenas para ser aprisionado. Assim que esse pensamento me ocorre, eu o afasto. Há muitas boas razões para que eu me sinta culpada – tomar Søren como refém não pode ser uma delas.

Estou no Fumaça, recordo, seguindo para as ruínas de Anglamar com o objetivo de dar início à reconquista de Astrea. Encontro-me em minha cabine, segura e sozinha, enquanto Søren está sendo mantido acorrentado em uma cela.

Fecho os olhos e deixo a cabeça pender sobre minhas mãos, mas, na mesma hora, o rosto de Cress surge em minha mente, as bochechas rosadas, as covinhas e os grandes olhos cinzentos, como era quando a conheci. Meu coração dá um salto ao pensar na garota que ela foi, na garota que eu fui, que se agarrou a ela porque se tratava da única salvação em meio ao pesadelo que era a minha vida. Rápido demais, essa lembrança de Cress é substituída por sua imagem da última vez que a vi, com ódio nos frios olhos cinzentos e a pele do pescoço carbonizada e descamando.

Ela não deveria ter sobrevivido ao veneno. Se eu não a tivesse visto com meus próprios olhos, não teria acreditado. Parte de mim se sente aliviada que tenha escapado, embora a outra parte jamais vá esquecer o olhar que ela dirigiu a mim quando prometeu destruir Astrea e a maneira como disse que pediria ao kaiser para ficar com minha cabeça depois que ele me executasse.

Caio de costas, fazendo um ruído seco ao bater no travesseiro fino. Meu corpo inteiro dói de exaustão, mas minha mente é um turbilhão que não dá sinais de querer se aquietar. Mesmo assim, fecho os olhos com força e tento expulsar todos os pensamentos que envolvem Cress, embora ela se mantenha bem lá no fundo, como um fantasma.

A cabine é silenciosa demais – tão silenciosa que cria um som próprio. Eu o ouço na ausência da respiração das minhas Sombras, seus movimentos infinitesimais ao mudarem de posição, os sussurros de uma para a outra. É um tipo de silêncio ensurdecedor. Viro-me para um lado, depois para outro. Estremeço e ajeito a manta, deixando-a mais apertada à minha volta. Sinto o fogo do toque de Cress outra vez e chuto a manta para longe, de modo que ela cai embolada no chão.

O sono não virá tão cedo. Rolo para fora da cama e encontro o grosso manto de lã que Dragonsbane deixou em minha cabine. Coloco-o sobre a camisola e ele me envolve, descendo até os tornozelos, aconchegante e disforme. O tecido puído foi remendado tantas vezes que duvido que ainda reste alguma coisa do manto original, mas ainda assim o prefiro às finas camisolas de seda que o kaiser costumava me forçar a usar.

Como sempre, pensar no kaiser faz a chama da fúria em meu estômago inflamar até me queimar por inteiro, transformando meu sangue em lava. É uma sensação que me assusta, mesmo que eu goste dela. Blaise certa vez me prometeu que eu atearia o fogo que transformaria o corpo do kaiser em cinzas, e eu creio que essa sensação não vai se suavizar até que eu faça isso.

SEGURA

Os corredores do Fumaça estão desertos e silenciosos, sem qualquer alma à vista. O único som é o leve barulho de passos no convés logo acima e o ruído abafado de ondas batendo no casco. Dobro em um corredor, depois em outro, procurando um caminho para o convés antes de me dar conta de que estou irremediavelmente perdida. Embora eu houvesse pensado que tinha uma noção razoável da configuração do navio quando Dragonsbane me levou para conhecê-lo mais cedo nessa noite, agora o navio parece inteiramente diferente. Olho por cima do ombro, esperando vislumbrar uma de minhas Sombras antes de perceber que elas não estão ali. Ninguém está.

Durante dez anos, a presença de outras pessoas era constante, um peso que me sufocava. Eu ansiava pelo dia em que poderia, enfim, me livrar daquela sensação e ficar apenas sozinha. Neste momento, porém, uma parte de mim sente falta da companhia. No mínimo, evitaria que eu me perdesse.

Por fim, depois de mais algumas voltas, encontro uma escada íngreme que leva ao convés. Os degraus são frágeis e barulhentos, e eu subo devagar, apavorada com a possibilidade de alguém ouvir e vir atrás de mim. Tenho que me lembrar de que não estou me escondendo, mesmo caminhando furtivamente para algum lugar – sou livre para ir aonde quiser.

Empurro a porta, abrindo-a, e o ar marinho açoita o meu rosto, soprando meu cabelo em todas as direções. Uso uma das mãos para tirá-lo dos olhos e, com a outra, aperto mais o manto em torno do meu corpo. Não tinha me dado conta de quanto o ar sob o convés era rançoso até o ar fresco alcançar meus pulmões.

Aqui em cima, há alguns membros da tripulação trabalhando, um número mínimo para garantir que o Fumaça não se desvie do

curso ou afunde no meio da noite, mas todos eles estão muito cansados e concentrados em suas tarefas para me dedicar mais do que um breve olhar quando passo.

A noite está fria, sobretudo com o vento feroz como é no mar. Cruzo os braços para me proteger, enquanto percorro o caminho até a proa do navio.

Posso ainda estar me acostumando a ficar sozinha, mas creio que nunca vou me cansar disso: o céu aberto à minha volta. Nenhuma parede, nenhuma restrição. Somente ar, mar e estrelas. O céu lá no alto transborda de estrelas, tantas que é difícil destacar uma em particular. Artemisia me disse que os navegadores as usam para guiar o navio, mas não consigo imaginar como isso é possível. São estrelas demais para conseguirem criar algum sentido.

A proa do navio não está tão vazia quanto eu esperava. Ali vejo uma figura solitária, de pé junto à amurada, os ombros curvados enquanto fita o oceano lá embaixo. Mesmo antes de me aproximar o suficiente para distinguir seus traços, sei que é Blaise. Ele é a única pessoa que conheço que pode adotar uma postura relaxada ao mesmo tempo que paira à sua volta uma energia tão frenética.

O alívio percorre meu corpo e eu apresso o passo em sua direção.

– Blaise – digo, tocando seu braço.

O calor de sua pele e o fato de estar acordado a esta hora me incomodam, levando minha mente a outras direções, mas me recuso a permitir que isso continue acontecendo. Não agora. Neste momento, só preciso do meu amigo mais antigo.

Ele se vira para mim, surpreso, antes de sorrir, embora um tanto mais hesitante do que estou acostumada.

Não conversamos desde que embarcamos nesta tarde e, para ser sincera, uma parte de mim está com medo deste momento. Ele deve saber que troquei nossas canecas na viagem até aqui, dando a ele o chá com sonífero que ele tinha preparado para mim. Deve saber por que fiz isso. E essa não é uma conversa que eu queira ter agora.

– Não consegui dormir? – pergunta ele, olhando ao redor antes de voltar a olhar para mim. Ele abre a boca, mas torna a fechá-la. Pigarreia. – Pode ser difícil se acostumar a dormir em um navio. Com o balanço e o barulho das ondas...

– Não é isso – digo.

Quero contar a ele sobre o pesadelo, mas já posso imaginar sua resposta. Foi só um sonho, dirá. Não foi real. Cress não está aqui, ela não pode machucá-la.

Por mais que seja verdade, não consigo acreditar. E mais: não quero que Blaise saiba que Cress continua em meus pensamentos, nem quanto me sinto culpada pelo que fiz com ela. Na cabeça de Blaise, está claro: Cress é a inimiga. Ele não compreenderia minha culpa e, sem dúvida, não entenderia a saudade que fincou raízes em mim. Ele não entenderia quanto sinto falta dela, mesmo agora.

– Não contei a você sobre Dragonsbane – diz ele após um momento, sem conseguir me olhar. – Devia tê-la avisado. Não tinha como ser uma surpresa agradável conhecer uma estranha com o rosto da sua mãe.

Eu me debruço na amurada ao lado dele, nós dois fitando o ponto em que as ondas lambem o casco do navio.

– Você provavelmente teria me contado se eu não tivesse trocado nossas canecas de chá – observo.

Por um momento, ele não diz nada, e o único som vem do mar.

– Por que fez isso? – pergunta ele baixinho, como se não tivesse certeza de querer saber a resposta.

Eu também não tenho certeza se quero responder, mas uma parte de mim se agarra à esperança de que ele vá rir e me dizer que estou enganada.

Respiro fundo, tentando me controlar.

– Antes de deixarmos Astrea, quando Erik estava me explicando o que eram os berserkers, ele mencionou os sintomas – explico, devagar.

Ao meu lado, Blaise se retesa, mas não me olha nem me interrompe, então prossigo:

– Ele contou que, à medida que a loucura das minas piora, a pele das vítimas se torna quente e elas começam a perder o controle de seus dons. E disse que não dormem.

Blaise solta um suspiro trêmulo.

– Não é tão simples assim – comenta ele, baixinho.

Balanço a cabeça para clarear a mente, então me afasto da amurada, cruzando os braços diante do peito.

– Você é abençoado – digo a ele. – Foi assim que sobreviveu à mina, que sobreviveu durante os anos depois da fuga. Não pode ter...

Não consigo dizer as palavras. Loucura das minas. São somente três palavrinhas, quase inofensivas quando sozinhas. Juntas, porém, têm muito mais peso.

Quero tanto que ele me diga que tenho razão, que é claro que não se trata da loucura das minas, que é claro que não é fatal. No entanto, ele não diz nada. Permanece imóvel, curvado sobre a amurada, apoiando-se nos cotovelos e apertando as mãos com força.

– Não sei, Theo – diz ele, por fim. – Não acho que eu tenha... uma doença – afirma, também incapaz de pronunciar loucura das minas. – Mas também nunca senti que fosse abençoado.

A confissão sai em um sussurro perdido no ar da noite, para nunca mais ser repetida. Eu me pergunto se esta foi a primeira vez que ele disse as palavras em voz alta.

Toco o ombro dele, forçando-o a me encarar, antes de pousar a mão sobre a cicatriz em seu rosto, a marca que Glaidi lhe deu junto com seu dom.

– Eu vi o que você é capaz de fazer, Blaise. Glaidi o abençoou, eu sei. Talvez o seu poder seja diferente daquele dos outros Guardiões, mas não é... não é só aquilo. É outra coisa. Tem que ser.

Por um segundo, ele parece querer discutir, mas então coloca a mão sobre a minha e a mantém ali. Tento ignorar quanto sua pele está quente.

– Por que não conseguiu dormir? – pergunta ele.

Não posso contar sobre o pesadelo, mas tampouco posso mentir para ele. Opto por algo intermediário, uma verdade parcial.

– Não consigo dormir sozinha – explico, como se fosse simples assim.

Nós dois sabemos que não é.

Espero as críticas, que ele me diga quanto isso é ridículo, que eu não deveria sentir falta de ter Sombras vigiando cada movimento meu. Mas, é claro, ele não fala nada. Sabe que não estou contando tudo.

– Vou dormir com você – sugere, antes de se dar conta do que disse. Está escuro demais para ter certeza, mas acho que as orelhas dele ficam vermelhas. – Quero dizer... bem, você sabe o que eu quero dizer. Posso ficar lá, se isso ajudar.

Sorriso.

– Acho que ajuda – respondo, e, porque não consigo resistir, não paro por aí. – Eu dormiria ainda melhor se você tentasse dormir também.

– Theo... – diz ele com um suspiro.

– Eu sei. Não é assim tão simples. Eu só queria que fosse.

• • •

Enquanto Blaise e eu seguimos para a minha cabine, sinto o olhar da tripulação sobre nós. Posso imaginar o que eles estão pensando, nós dois andando juntos a esta hora. Até o sol nascer, todos estarão sussurrando que Blaise e eu estamos tendo um caso. Eu preferiria que as pessoas não sussurrassem nada a meu respeito, mas não me importo se esse rumor ofuscar o boato sobre mim e Søren.

Um romance com Blaise é muito melhor, pois a tripulação vai apoiar de todo o coração, se não por outro motivo, pelo menos porque ele é astreano. E quanto mais apoio eu tiver deles, melhor. Não dá para esquecer quanto Dragonsbane foi desdenhosa quando cheguei a bordo, como ela falou comigo como se eu fosse uma criança perdida em vez de uma rainha. A rainha dela. E me preocupo que isso vá piorar.

Eu me obrigo a interromper esse pensamento. Como me tornei uma pessoa tão conspiradora? Sinto, sim, alguma coisa por Blaise e sei que é recíproco, mas eu nem levei isso em consideração. Comecei logo a maquirar, a pensar em como ele poderia me trazer vantagens políticas. Como me tornei esse tipo de pessoa?

Estou pensando como o kaiser. Essa percepção provoca um tremor que percorre meu corpo.

Blaise percebe.

– Você está bem? – pergunta ele quando abro a porta da cabine e o conduzo para dentro.

Eu me viro para olhá-lo e expulso a voz do kaiser da minha mente. Não penso em quem nos viu entrar, no que dirão ou em como posso usar isso a meu favor. Não penso no que conversamos há alguns momentos. Eu só penso em nós dois, a sós na cabine.

– Obrigada por ficar comigo – digo em vez de responder.

Ele sorri brevemente antes de desviar o olhar.

– É você quem está me fazendo um favor. Estou dividindo uma cabine com Heron, e ele ronca tão alto que é capaz de sacudir o navio inteiro.

Eu rio.

– Vou me deitar no chão enquanto você dorme – anuncia ele.

– Não – rebato, surpreendendo a mim mesma.

Os olhos dele se arregalam um pouco. Tenho a sensação de que vamos ficar aqui imobilizados neste silêncio constrangedor por

eras, então quebro o encanto.

Dou um passo na direção dele e tomo sua mão.

– Theo... – diz ele, mas pressiono um dedo em seus lábios antes que ele possa arruinar este momento com advertências que não quero ouvir.

– Pode... só... me abraçar? – peço.

Ele suspira e sei que vai dizer que não, que ele deveria manter distância porque não sou mais sua amiga de infância. Sou sua rainha e isso torna tudo muito mais complicado. Então eu dou um golpe baixo, ao qual sei que ele não resistirá.

– Vou me sentir mais segura, Blaise. Por favor.

Os olhos dele se suavizam e sei que o ganhei. Sem dizer nada, afasto a mão de seus lábios e o puxo para a cama comigo. Nós nos encaixamos perfeitamente, seu corpo curvando-se em torno do meu, seus braços me envolvendo. Mesmo aqui, no mar, ele cheira a fogo na lareira e condimentos – cheiro de casa. Sua pele está abrasadora, mas tento não pensar nisso. Concentro-me nas batidas de seu coração reverberando pelo meu corpo, entrando em compasso com o meu, e deixo que a pulsação embale meu sono.

FAMÍLIA

Quando acordo, Blaise já se foi e a cabine está fria demais sem ele. Encontro um bilhete no travesseiro, perto da minha cabeça.

Estou no turno da limpeza esta manhã.

Vejo você à noite.

Sempre seu,

Blaise

Sempre seu. As palavras grudam em minha mente enquanto tento ajeitar meu cabelo rebelde, dando-lhe uma aparência apresentável, e arrumo minhas roupas amarrotadas. Em outra vida, eu provavelmente nem prestaria atenção nessas palavras, mas agora elas me tocam de forma negativa. Demoro um pouco para entender o porquê: era assim que Søren assinava as cartas que me enviava.

Tento não deixar meus pensamentos se demorarem em Søren. Ele está vivo e em segurança, e isso é tudo que posso fazer por ele agora. É mais do que ele merece depois do que fez em Vecturia, depois de suas mãos terem se banhado em tanto sangue que jamais ficarão limpas outra vez.

E o que me diz das suas mãos?, sussurra uma voz em minha mente. Parece a de Cress.

Calço as botas que Dragonsbane me deu. Elas são um número maior que o meu e fazem barulho quando ando, mas não posso reclamar, sobretudo se levar em consideração que, ao contrário de Blaise, não tenho tarefas no navio. Ontem, durante a visita pelo navio com Dragonsbane, ela explicou que todos a bordo têm alguma atribuição diária para pagar o próprio sustento. Heron tem um turno nas cozinhas e Artemisia terá que cuidar das velas por algumas horas todos os dias. Até mesmo as crianças assumem pequenas tarefas, como servir água na hora das refeições ou prestar pequenos favores à pirata.

Perguntei a Dragonsbane o que eu poderia fazer para ajudar. Ela, no entanto, se limitou a sorrir e deu palmadinhas condescendentes em minha mão.

– Você é nossa princesa. Isso é tudo que precisamos que faça.

Sou sua rainha, tive vontade de dizer, mas não consegui emitir as palavras.

Quando saio no convés, o sol está surpreendentemente alto no céu, tão brilhante que chega a cegar. Quanto tempo dormi? Deve ser perto de meio-dia e o navio está fervilhando em atividades. Procuo um rosto conhecido no convés apinhado, mas tudo que encontro é um mar de estranhos.

– Vossa Majestade – diz um homem fazendo uma mesura ao passar apressado, carregando um balde de água.

Abro a boca para responder, mas, antes que eu diga uma palavra, uma mulher me cumprimenta e repete a reverência.

Não demoro a perceber que é melhor apenas sorrir e assentir como resposta.

Atravesso o convés, assentindo, sorrindo e procurando alguém que eu conheça, mas, assim que encontro uma expressão familiar, me arrependo.

A mãe de Elpis, Nadine, está debaixo da vela principal, com um esfregão nas mãos limpando o convés, embora agora esteja parada, o esfregão suspenso e gotejando água cinzenta. Ela me olha de uma forma dura, mas o rosto se mantém sem expressão. Ela se parece tanto com a filha que levei um susto quando a conheci – o mesmo rosto redondo e os olhos escuros e fundos.

Quando contei a ela sobre Elpis ontem à noite, depois que Dragonsbane me levou para conhecer o navio, ela disse tudo que seria esperado, mesmo em meio a lágrimas: me agradeceu por tentar salvar sua filha, por ser uma amiga para ela, por jurar vingança contra o kaiser. No entanto, as palavras soaram vazias e eu teria preferido que ela blasfemasse contra mim e me acusasse de matar Elpis. Teria sido um alívio, acho, ouvir alguém dar voz à culpa que existia em meus pensamentos.

Ela desvia os olhos dos meus e volta a se concentrar em sua tarefa, esfregando com força o convés, como se quisesse abrir um buraco nele.

– Theo – soa uma voz atrás de mim, e eu me sinto tão grata pela interrupção que levo um momento para me dar conta de que é Artemisia quem está me chamando.

Ela se encontra apoiada na amurada do navio com uma roupa semelhante à minha – calça marrom justa e camisa de algodão branca –, embora, de algum modo, a dela pareça melhor, como se fosse algo que estivesse vestindo por escolha e não porque não havia outra opção. Seu corpo está voltado para o mar, com os braços estendidos, mesmo enquanto olha para mim. Seus cabelos caem nos ombros em ondas brancas cujas pontas ganham um tom azul-celeste e luminoso. O grampo com a Pedra da Água que roubei de Crescentia adorna seus cabelos e as pedras azul-escuras cintilam à luz do sol. Eu sei que o cabelo a constrange e tento não olhar para ele, mas é difícil. Em seu quadril há um punhal embainhado, o punho de filigrana de ouro. A princípio, penso que é o meu, mas não pode ser. Eu o vi momentos atrás no quarto, escondido debaixo do travesseiro.

Levo um tempo para perceber o que Artemisia está fazendo. A Pedra da Água em seu cabelo não está apenas refletindo a luz do sol – na verdade, está resplandecente. Porque Artemisia a está usando. Quando presto atenção em seus dedos, quase posso ver a magia fluindo deles, delicada como a névoa do oceano.

– O que está fazendo? – pergunto quando me aproximo com certa cautela.

Gosto de pensar que não tenho medo de Artemisia, mas eu seria uma tola se não tivesse. Ela é uma criatura assustadora, mesmo sem sua magia.

Ela me dirige um sorriso malicioso e revira os olhos.

– Minha mãe acha que deveríamos seguir com mais velocidade para o caso de os kalovaxianos estarem em nosso encalço – diz ela.

– Então ela pediu sua ajuda?

Artemisia ri.

– Ah, não, minha mãe jamais pediria a ajuda de alguém, nem mesmo a minha – afirma ela. – Não. Ela ordenou que eu fizesse assim.

Eu me recosto na amurada perto dela.

– Nunca imaginei que você recebesse ordens de alguém – comento.

Ela não responde, limitando-se a dar de ombros.

Olho para a grande expansão de ondas azuis, estendendo-se até onde a vista alcança. Posso distinguir os outros navios da esquadra de Dragonsbane seguindo na esteira do Fumaça.

– O que está fazendo exatamente? – pergunto após um momento.

– Virando as marés a nosso favor – explica ela. – Para que elas sigam com a gente, não contra.

– Você vai precisar dispor de um poder considerável. Tem certeza de que consegue cuidar disso sozinha?

Não tenho a intenção de ofender, mas Artemisia se eriça.

– Não é tão difícil quanto parece. É forçar um corpo d'água a fazer o que ele já quer fazer, mas trocando a direção.

Literalmente virando a maré. Não é como se eu estivesse mudando todo o mar Calodeano, é só a parte que está em volta da nossa esquadra.

– Confio no seu julgamento – digo.

O silêncio cai e eu a observo trabalhar, suas mãos se retorcendo graciosamente no ar à nossa frente, a delicada névoa marítima da magia fluindo de seus dedos.

Ela é minha prima, de repente me lembro, embora eu não ache que esse pensamento algum dia vá se tornar menos ridículo. Somos tão diferentes quanto duas pessoas poderiam ser, mas nossas mães eram irmãs. Gêmeas, inclusive.

A primeira vez que a vi, ela mudou o cabelo de azul e branco, que é a marca do seu Dom da Água, para um castanho-escuro com reflexos vermelhos, como o meu. Pensei que estivesse zombando de mim ou tentando me deixar constrangida, mas talvez fosse a cor de seu cabelo antes de ser marcada – igual ao de sua mãe, ao da minha mãe e ao meu. Ela devia saber desde sempre que éramos primas, mas nunca disse uma só palavra sobre isso.

O mesmo sangue corre por nossas veias, penso. E que sangue...

– Não acha estranho que sejamos descendentes da Rainha do Fogo, mas você tenha sido escolhida pela deusa da água? – pergunto a ela após um momento.

Ela me olha de esquelha.

– Não muito – responde. – Não sou uma pessoa muito espiritualizada, você sabe disso. Talvez sejamos descendentes de Houzzah, ou talvez isso seja apenas um mito cujo objetivo é reforçar o direito da nossa família ao trono. Seja como for, não

acho que magia tenha algo a ver com sangue. Heron diz que Suta me viu em seu templo e que, entre todos que estavam ali, ela me escolheu e me abençoou com esse dom, mas não sei se gosto dessa explicação também.

– De que explicação você gosta? – pergunto.

Ela não responde, concentrando-se no mar diante dela, movendo as mãos pelo ar com a graça de uma dançarina.

– Por que você está tão curiosa em relação ao meu dom? – pergunta ela.

É minha vez de dar de ombros.

– Por nada em particular. Imagino que a maior parte das pessoas fique curiosa.

– Na verdade, não – replica ela, franzindo a testa ao mover as mãos bruscamente para a esquerda, voltando em seguida para a frente. – Na maioria das vezes as pessoas só me dizem quanto sou abençoada, às vezes passando os dedos pelos meus cabelos... Eu odeio isso. De qualquer forma, ninguém jamais me faz perguntas a esse respeito. Chegariam muito perto de falar sobre a mina, e não querem ouvir sobre esse assunto. Melhor que pensem nisso como algo místico, que existe além da esfera da sua curiosidade.

– Não achei que você ficaria surpresa ao descobrir que existem poucas coisas além da esfera da minha curiosidade – digo de maneira despreocupada, embora suas palavras ainda me incomodem.

Se Artemisia percebe meu desconforto, ela o ignora.

– Você dormiu até muito tarde – comenta ela, mudando de assunto.

Há uma farpa em suas palavras, mas que não se crava tão dolorosamente quanto costumava acontecer. O mesmo se passou ontem, depois de embarcarmos no Fumaça. Ela resmungou e se remexeu, e eu nunca tinha visto Artemisia fazer nenhuma das duas coisas. Não há nada da acidez ou do sarcasmo que estou acostumada a esperar dela. À sombra da mãe, parece que ela se tornou menos ela mesma.

– Eu não queria ter dormido tanto. Fiquei acordada quase a noite toda...

– Blaise disse que você não estava se sentindo bem – interrompe Artemisia, mas o olhar complacente que me lança entrega que, na verdade, ela pensa que se trata de um eufemismo para algo diferente. Os boatos já devem ter começado a se espalhar.

Minhas bochechas queimam.

– Estou bem – digo antes de dar um jeito de mudar de assunto. Após um instante, indico com a cabeça o punhal embainhado. – Para que isso?

Ela baixa as mãos e o fluxo de magia cessa. Toca o punho da arma distraidamente, da mesma forma que mulheres na corte brincam com suas joias.

– Eu queria tentar treinar um pouco depois do meu turno – admite ela. – Não tive muitas chances para usar isto aqui depois de acabar com as suas Sombras. Estou ficando enferrujada.

– Foi você que as matou? – pergunto.

Ela bufa.

– Quem você achava que tinha sido? Heron diz que é contra o dom dele fazer mal a alguém, e Blaise não gosta de sujar as

mãos, a menos que seja inevitável. Ele provavelmente teria matado se eu tivesse pedido, mas... – Sua voz cessa.

– Mas você gosta de fazer isso – concluo.

Os olhos de Artemisia brilham e seu sorriso é sombrio.

– É uma sensação boa – diz ela. – Tomar alguma coisa de volta.

Ela abre a boca e eu me preparo para um comentário ácido sobre eu não ter conseguido matar Søren quando tive a oportunidade, mas nada vem.

– Posso ensinar a você – propõe ela, me surpreendendo. – A usar um punhal, quero dizer.

Olho para a arma junto de seu quadril e tento me imaginar manejando-a. Não como fiz no túnel com Søren, com mãos trêmulas e dúvidas paralisantes, mas como alguém que sabe o que está fazendo. Eu me lembro do hálito do kaiser em meu pescoço, sua mão segurando meu quadril, subindo pela minha coxa. Eu me senti indefesa naqueles momentos e nunca mais quero me sentir assim. Afasto esse pensamento. Não sou uma assassina.

– Depois de Ampelio... acho que não tenho jeito para isso – digo por fim, desejando que não fosse verdade.

– Acho que você ficaria surpresa com os talentos que tem – replica Artemisia.

Antes que eu possa responder, somos interrompidas pelo ruído de botas se aproximando pelas tábuas do convés, passos mais fortes e mais ágeis do que os de qualquer outra pessoa. Art deve reconhecer o andar, porque parece quase se encolher antes de se voltar na direção do som.

– Mãe – diz ela, a mão no punhal remexendo-se outra vez.

Um tique nervoso, percebo, embora eu saiba que ontem teria rido da ideia de alguém deixar Artemisia nervosa.

Preparando-me, eu me viro para encará-la também.

– Dragonsbane – digo.

Ela se ergue alta e inabalável, ocupando mais espaço do que aparentemente deveria, tendo em vista o seu tamanho. Ela usa a mesma roupa que o restante da tripulação, exceto pelos sapatos. Em vez das volumosas botas de trabalho, as suas vão até o joelho e têm um salto grosso e reto. A princípio, me perguntei se seria prático usá-las em um navio, mas Dragonsbane sequer tropeça e elas lhe dão alguns centímetros de altura, o que, imagino, a faz parecer mais imponente para a tripulação.

Quando seus olhos encontram os meus, ela sorri, mas não é o mesmo sorriso que minha mãe costumava me dar. Em vez disso, ela me olha como Cress olharia para um poema que estivesse tendo dificuldade em decifrar.

– Fico feliz em ver que vocês duas estão se dando bem – diz ela, mas não parece nem um pouco feliz.

Na verdade, parece vagamente irritada com alguma coisa, embora me ocorra que talvez ela sempre esteja assim.

– Claro – respondo, tentando sorrir. – Artemisia foi essencial para minha fuga do palácio e a morte do theyn. Não teríamos conseguido fazer nada sem ela.

Ao meu lado, Art não diz nada. Ela olha para as tábuas de madeira sob as botas da mãe.

– É, ela é muito especial. Claro, é a única filha que me resta, então é particularmente preciosa para mim.

Há um tom subjacente em sua voz que faz Art se encolher. Ela tinha um irmão. Contou que estiveram juntos na mina, que ele contraiu a loucura e foi morto por um guarda que ela mais tarde assassinou. Antes que eu possa pensar muito sobre a energia entre elas, Dragonsbane volta sua atenção para mim.

– Temos planos para colocar em ação, Theo. Vamos discuti-los em minha cabine.

Começo a responder, mas Art se antecipa.

– Vossa Majestade – diz ela baixinho, embora continue sem olhar para a mãe.

– Como é? – pergunta Dragonsbane, embora, a julgar pela tensão em seus ombros, ela tenha ouvido perfeitamente bem.

Artemisia enfim ergue os olhos e encara a mãe.

– Você deve chamá-la de “Vossa Majestade”, principalmente onde outras pessoas possam ouvi-la.

O sorriso de Dragonsbane fica tenso como uma corda prestes a arrebentar.

– É claro, você está certa – concede ela, embora as palavras soem forçadas.

Ela se volta para mim e se curva discretamente.

– Vossa Majestade, sua presença é requisitada em minha humilde cabine. Assim está melhor, Artemisia? – pergunta ela.

Artemisia não responde. Suas bochechas têm um tom vermelho vivo e ela encara o chão.

– Está – digo, desviando a atenção de Dragonsbane antes que ela reduza a filha a pó.

Dragonsbane franze a testa para mim, então torna a olhar para Artemisia.

– Eu atribuí a você a tarefa de controlar as marés até o meio-dia. Você ainda tem uma hora, se acha que consegue.

O desafio em sua voz é nítido e Art contrai o maxilar.

– É claro, capitã – responde ela, erguendo as mãos na direção do mar mais uma vez.

Sem mais palavras, Dragonsbane se vira e sinaliza para que eu a siga. Percebo o olhar de Artemisia e tento lhe oferecer um sorriso encorajador, mas acho que ela não o registra. Pela primeira vez desde que a conheci, ela parece perdida.

EMBATE

Assim que entramos na cabine de Dragonsbane, lamento não ter pedido a Art que viesse comigo. É um desejo egoísta – era óbvio que ela estava apreensiva para se ver livre da mãe –, mas lamento assim mesmo. Os dois homens que aguardam ali são totalmente devotados a Dragonsbane, e a sensação é de que caí em uma armadilha. Não é como eu me sentia na presença do kaiser e do theyn – feito um cordeiro na toca do lobo, como a kaiserin disse –, mas não está muito distante disso. Não terei aliados nesta cabine.

Eu sou a rainha, lembro a mim mesma, endireitando os ombros. Sou minha própria aliada e isso basta.

Os homens se levantam apressadamente quando me veem, embora a deferência deva ser, na verdade, para Dragonsbane.

Eriel, um pouco mais velho que ela, com uma barba avermelhada cheia e nem um fio de cabelo no topo da cabeça, lidera a esquadra de Dragonsbane – o Fumaça, o Neblina, o Poeira, o Bruma e meia dúzia de outras embarcações menores, cujos nomes eu confundo. Na noite passada, ele me disse que perdeu o braço esquerdo em uma batalha há alguns anos, substituindo-o então por um toco de madeira negra polida, com dedos esculpidos e imobilizados em um punho fechado. A perda teria significado aposentadoria para a maior parte dos soldados, mas a proeza estratégica de Eriel faz dele uma peça de valor inestimável, ainda que não possa mais lutar. O pequeno exército de Dragonsbane já resistiu contra batalhões kalovaxianos três vezes mais numerosos, e isso se deve em grande parte ao cuidadoso planejamento de Eriel ao lado dos capitães dos outros navios.

Ao lado dele está Anders, um lorde menor elcourtiano que fugiu de sua vida fácil duas décadas atrás, quando era um adolescente em busca de aventura. E sem dúvida a encontrou. Ele me contou ontem que quase não sobreviveu aos primeiros anos de sua jornada solitária, pois não tinha de fato habilidades e entendia muito pouco sobre dinheiro. Este, aliás, não era um recurso interminável como um dia ele acreditara; era algo por que lutar – ou para ser roubado, se preciso fosse. Então ele abriu caminho de país em país, roubando, e depois treinou outros para fazer isso por ele. Quando ficou entediado, decidiu que queria ser pirata e, de troca em troca, chegou até o navio de Dragonsbane.

– Sente-se – diz ela antes de eu ter chance de falar.

Talvez Artemisia estivesse certa ao corrigir a mãe por me chamar de Theo. Talvez Dragonsbane esteja me sabotando de propósito. Ela não vai ter muita dificuldade em fazer isso com esses dois. Embora todos tenham sido perfeitamente educados comigo desde que cheguei a bordo, não há dúvida de que não faço jus a qualquer ideia que tinham da rainha rebelde de Astrea.

Mas já fui subestimada por pessoas muito mais intimidadoras e, pela primeira vez, não preciso me encolher e evitar ser vista. Em vez disso, eu me empertigo em toda a minha altura, embora Dragonsbane e suas botas de salto grosso me deixem mais baixa.

– Obrigada por se reunirem comigo – digo, assentindo para os homens, um de cada vez, antes de voltar minha atenção para Dragonsbane, desafiando-a a corrigir minha afirmativa. Adoço meu sorriso. – E obrigada a você, tia, por providenciar isso. É hora de discutirmos o que virá a seguir. Um de vocês pode fazer a gentileza de chamar Blaise e Heron também?

As narinas de Dragonsbane inflam ligeiramente, o que passaria despercebido se eu não estivesse procurando uma reação. Seu

maxilar se contrai antes que ela force a boca para imitar meu sorriso.

– Não creio que isso seja necessário, Theo – diz ela. – Reuni nossas melhores mentes estratégicas e diplomáticas. – Ela gesticula, indicando os homens. – Blaise e Heron fizeram muito pela nossa causa, mas são jovens com pouca experiência nessas questões.

Seus olhos escuros são implacáveis ao encarar os meus e preciso lançar mão de toda a minha força para não desviar o olhar. São os olhos da minha mãe, afinal de contas, e, ao fitá-los, me sinto como uma criança novamente. Mas não sou criança, e não posso me dar ao luxo de me sentir assim, nem mesmo por um instante. Há muito em jogo. Então, sustento seu olhar e não me permito hesitar.

– Eles são o meu conselho – explico a ela, mantendo a voz suave, porém firme. – Confio neles.

Dragonsbane inclina a cabeça para um lado.

– Não confia em nós, Vossa Majestade? – pergunta ela, os olhos se arregalando. – Nossa intenção é defender seus maiores interesses.

Os homens murmuram em concordância, um instante depois dela.

– Tenho certeza disso – rebato, abrindo um sorriso tranquilizador. – Mas nos conhecemos há tão pouco tempo que receio que vocês não saibam quais são meus maiores interesses. Logo saberão, sem dúvida, mas hão de concordar que não temos tempo a perder.

– Não temos – concorda Dragonsbane. – Mais um motivo para que não faça sentido ir atrás de outras pessoas quando o grupo

que reuni é mais do que capaz...

Eu a interrompo, lançando minhas palavras como se fossem adagas afiadas.

– Se tivesse ido buscar Blaise e Heron quando pedi, em vez de discutir apenas pelo prazer de discutir, eles já estariam a caminho. Agora, quer perder mais tempo enquanto os kalovaxianos reúnem um batalhão para nos exterminar de uma vez por todas?

Por um momento dolorosamente longo, ela não diz nada, mas consigo sentir o ressentimento fluindo dela em ondas. Sustento seu olhar, sua fúria alimentando a minha. Percebo vagamente que há uma incômoda queimação na ponta dos dedos, mas não ousa quebrar o contato visual para fitá-los. Algo me parece um tanto familiar nessa sensação, a mesma que tomou minha pele quando acordei do pesadelo com Cress. Cruzo os braços, pressionando as pontas dos dedos nas mangas da túnica, na esperança de que, se eu as ignorar, elas parem de queimar.

Depois do que parece uma eternidade, Dragonsbane se volta para Anders, embora cada músculo em seu corpo pareça protestar contra essa atitude.

– Vá buscar os garotos – ordena ela, a voz dura. – E volte rápido.

Anders fica encarando a mim e a minha tia com seus olhos azuis inseguros antes de se inclinar em uma ligeira mesura na direção de Dragonsbane, depois na minha. Então sai apressado sem mais palavras, deixando-nos em um silêncio desconfortável.

O triunfo vibra pelo meu corpo e eu esqueço a queimação na ponta dos dedos.

– Você é muito diferente da sua mãe – afirma Dragonsbane após um momento.

E, simples assim, a sensação de triunfo desaparece. As palavras caem como um soco forte no estômago, mas não são tão dolorosas quanto a percepção de que ela está certa. Contrariar aqueles que se opõem a mim, distorcer suas palavras contra eles, me agarrar teimosamente ao meu modo de agir – essas são táticas que minha mãe, como rainha, jamais usou. Ela encantava, mediava, transigia e cedia onde era possível, porque tinha muito a oferecer.

Outra compreensão se apossa de mim, fazendo um arrepio percorrer todo o meu corpo, e tento reprimi-lo.

Eu não lidei com esta situação como minha mãe agiria. Eu agi como o kaiser.

• • •

Alguns minutos tensos transcorrem antes que Anders retorne, com Blaise e Heron logo atrás. Ambos parecem confusos ao entrar no espaço cada vez mais apertado.

– Finalmente – diz Dragonsbane de maneira ríspida enquanto eles se posicionam, me ladeando, sem dizer palavra.

Eles devem ter juntado as peças do que aconteceu, pelo menos em parte. Devem ter se dado conta de que esta reunião tinha sido convocada sem eles, que Dragonsbane tentou deixá-los de fora. Ou talvez Blaise a esteja fuzilando com o olhar por um motivo diferente. Os olhos de Heron, por sua vez, não demonstram raiva. Seu olhar é pesado e solene, mas distante. Está assim desde que chegamos a bordo, e temo que a morte de Elpis esteja pesando em sua consciência ainda mais do que na minha. Afinal de contas, era sua tarefa buscá-la depois de ela envenenar o theyn e trazê-la para a segurança do Fumaça.

Abro um amplo sorriso para Dragonsbane.

– Agora que estamos todos aqui, vamos continuar. Estamos seguindo para as ruínas de Anglamar a fim de atacar a mina do Fogo e libertar os escravos.

Eriel pigarreia, me olhando com certa cautela.

– Eu não recomendaria esse plano de ação, Vossa Majestade – pontua ele, a voz rouca, com um sotaque que não consigo identificar, fazendo as palavras soarem ao mesmo tempo melodiosas e perigosas. – Em termos práticos, atacar os kalovaxianos diretamente, com o pequeno número de guerreiros que temos, seria uma estratégia fadada ao fracasso. Eles nos destruiriam com facilidade, a despeito das estratégias que adotemos. São muito mais numerosos.

– Foi esse o acordo que fizemos antes de eu aceitar sua ajuda – digo, olhando de Eriel para Dragonsbane.

Mais uma vez, sinto minha irritação aumentar.

– A chave é conquistar mais forças – intervém Anders.

O tom elegante de suas palavras não foi completamente apagado pelos anos de roubo e pirataria.

Blaise faz um muxoxo irônico.

– Mais forças? Por que não pensamos nisso antes? Aliás, por que Ampelio não pensou? Com certeza teria nos poupado muitos problemas. Ah, peraí, pensamos, sim. Só que nenhum outro país quer enfrentar os kalovaxianos.

– Não, pela bondade de seus corações eles não vão. O resto do mundo tem medo demais do kaiser para nos ajudar, então teremos que fazer valer a pena para eles – diz Dragonsbane, os olhos fixos em mim. – E imagino que a única coisa que eles

queiram de nós seja algo que Ampelio não teria pensado em negociar nem por um só instante.

Sinto a boca ficar seca.

– E o que seria?

– Você – responde ela com simplicidade. – Mais especificamente, sua mão em casamento.

– Rainhas não se casam – diz Heron, parecendo perplexo com a mera suposição.

Sinto-me grata, já que eu mesma não consigo formular qualquer resposta.

– Não vamos fingir que estamos tratando de circunstâncias normais, querido – replica Dragonsbane.

Heron é quase meio metro mais alto do que ela, mas ainda assim ela parece estar falando com uma criança.

– Theo pode deixar o orgulho de lado pelo bem de seu país, eu acho.

– Não se trata do meu orgulho – rebato, lutando para manter a voz calma e esconder o pânico que cresce em meu peito. – Aqueles homens não se importam comigo, querem apenas um pedaço de Astrea e a nossa magia.

Dragonsbane dá de ombros, como se essa fosse uma questão trivial.

– Se deixarmos os kalovaxianos lá por muito mais tempo, não restará magia alguma. É um sacrifício, mas é necessário.

– Para você é fácil dizer, já que não está sacrificando nada – respondo, mordaz.

– Não sabemos se isso é necessário – observa Blaise, antes que Dragonsbane possa replicar. – Existem outras opções...

– Por exemplo...? – pergunta ela, arqueando as sobrancelhas.

– Ainda nem usamos o prinz. Se o trocarmos por uma das minas...

– Infelizmente, meus informantes nos dizem que ele não é exatamente o refém que esperávamos que fosse – intervém Eriel. – O kaiser não o quer de volta. Vê o filho como uma ameaça e um inimigo. Fizemos um favor a ele ao tirar o prinz de suas mãos. O kaiser já está espalhando rumores de que o prinz veio por vontade própria, Vossa Majestade.

Quase verdade, penso.

– Então não vamos usá-lo como refém – digo, embora minha voz soe desesperada até mesmo aos meus ouvidos. – O plano foi sempre usá-lo como uma ligação entre o pai e o povo kalovaxiano. Pensamos em matá-lo e incriminar um dos guardas do kaiser com o intuito de causar caos na corte, mas não vejo motivo para não criarmos um desfecho semelhante para a história da fuga dele.

– O kaiser cuidará para que o restante da corte o veja como traidor – diz Blaise, embora não esteja me contradizendo.

Está seguindo meu raciocínio, me dando a oportunidade de resolver o problema.

– Mas a corte viu a maneira como Søren se posicionou contra o pai no banquete – continuo. – Seriam bobos de acreditar na palavra do kaiser. Se existisse uma forma de adicionar alguns sussurros ao falatório, poderíamos mudar a história. Fazê-los pensar que Søren não os abandonou, que o kaiser o baniu, quem sabe. A corte me ouviu acusar o kaiser de assassinar a kaiserin.

Devem estar cochichando sobre isso agora também. Não vai ser difícil voltá-los contra ele se tivermos as vozes certas para sussurrar nos ouvidos certos.

Blaise assente devagar antes de tornar a se virar para Dragonsbane.

– Nós temos? – pergunta ele.

– Tenho vários espiões – admite ela, cautelosa. – Mas eles passam informações para mim, não interferem na corte. Só por isso que eu consegui fazer com que não fossem descobertos e continuassem vivos esse tempo todo.

Não posso deixar de pensar em Elpis, que estava em segurança até eu pedir que interviesse. Vejo seu corpo carbonizado sendo arrastado para fora da sala do trono, irreconhecível. Ouço os gritos de dor em seus últimos instantes. Engulo em seco, me odiando até mesmo ao dizer as palavras que preciso dizer.

– O tempo de nos manter em segurança já passou. Se não aproveitarmos as oportunidades que temos, vamos apenas sobreviver, e muito mal. Quero mais do que isso para Astrea, e vocês deveriam querer o mesmo.

O maxilar de Dragonsbane se contrai.

– Muito bem – diz ela. – Vou começar a espalhar seus sussurros, como você os chama, mas isso ainda nos deixa em desigualdade para uma batalha na mina do Fogo. Eriel me diz que vamos levar quatro dias para chegar a Sta'Crivero.

Eriel, que está atento à conversa enquanto se balança para a frente e para trás, como uma criança impaciente, parece surpreso em ouvir seu nome, embora rapidamente faça que sim com a cabeça.

– Em Sta'Crivero, vamos ter um encontro com o rei Etristo – prossegue Dragonsbane.

Alguns segundos se passam antes que eu entenda aonde isso pode levar.

– Não vou me casar com esse rei Etristo – digo, cada palavra em tom severo, como se o problema fosse apenas ela me ouvir.

Ela se limita a rir.

– Ah, minha querida, não. Etristo é velho demais para ser um bom partido para você, sem falar que ele já tem uma esposa. Não, ele apenas foi gentil o bastante para acolher uma... espécie de evento. Os chefes de Estado do mundo todo virão conhecê-la e oferecer suas tropas em troca de sua mão.

– Eu não sou uma joia para ser leiloada e entregue a quem der o maior lance – falo, sem evitar que o tom de voz se eleve.

Meu corpo começa a ficar muito quente, como quando acordei do pesadelo. O suor brota em minha testa, mas eu o enxugo. Não sei por que Dragonsbane mantém a cabine tão quente. Não sei por que pareço ser a única a perceber isso.

– Sou uma rainha e tomarei minhas próprias decisões – continuo.

Dragonsbane franze os lábios, me fitando por um momento, em um silêncio pensativo.

– Claro, a decisão é sua – afirma ela, por fim, com um sorriso forçado e o olhar calculista. – Mas peço que considere seriamente essa opção. Enquanto isso, continuaremos seguindo para Sta'Crivero. Na pior das hipóteses, podemos nos refugiar no caos do porto enquanto formulamos outro plano.

Concordo em ponderar sobre a situação, embora até mesmo isso me cause náuseas.

CONFISSÃO

Quando volto ao convés depois da reunião com Dragonsbane, o ar fresco me envolve e minha pele começa a refrescar. Torno a enxugar o suor da testa e da pele acima do lábio superior, olhando para Heron e Blaise ao meu lado. Ambos parecem perfeitamente bem, nem um pouco afetados pela temperatura na cabine de Dragonsbane. Pode ser que eu esteja adoecendo – não seria uma surpresa, depois de tudo. Ou talvez seja apenas minha imaginação, uma reação ao estresse e à raiva.

– Tem que haver um plano melhor do que o casamento – diz Blaise, despertando-me de meus pensamentos.

Engulo em seco.

– Sim – concordo sem olhar para ele ou para Heron, à minha esquerda.

Em vez disso, fito o navio movimentado, cheio de pessoas correndo de um lado para outro, mantendo o Fumaça avançando a toda velocidade em direção a um futuro que, mais uma vez, foi arrancado de minhas mãos. Dragonsbane pode ter me dado a ilusão de uma escolha, mas não sou tola a ponto de acreditar que vai ser fácil assim.

– Não posso acreditar que ela tentou encurralá-la sozinha para essa reunião – diz Heron.

Faço um muxoxo de desdém.

– Pois é. Deuses, estou cansada desses jogos – confesso, balançando a cabeça. – Fiz o jogo do kaiser durante dez anos e não escapei só para ser obrigada a fazer o dela.

Eu me viro de frente para eles.

– Informei a Dragonsbane que vocês dois são os meus conselheiros. Não achei que fosse uma boa ideia ter Art hoje lá também, dado o efeito que a mãe parece causar nela, mas eu a incluí nesse grupo também. Vocês são as pessoas em quem confio aqui.

Blaise assente, mas Heron parece inseguro, os olhos se demorando em mim. O que quer que ele queira dizer não sai de sua boca.

– Blaise, sei que precisa voltar ao trabalho, mas você me acompanha no almoço, Heron?

Blaise inclina a cabeça na minha direção antes de voltar para a proa do navio, onde antes estava esfregando o convés.

Heron assente, mas parece relutante, então passo meu braço pelo dele e o conduzo na direção do refeitório.

– Está tudo bem? – pergunto.

– Está, claro – responde ele de uma forma que me dá mais certeza do que nunca de que não está.

Já é tarde para o almoço e o refeitório está quase vazio. As pessoas reunidas me observam enquanto pego a porção de biscoito de massa dura e carne-seca a que tenho direito. Estou acostumada a ser observada – os kalovaxianos também me olhavam –, mas agora não há malícia nos olhares, somente expectativa, o que, de alguma forma, parece pior. Sinto um nó no estômago enquanto espero Heron servir seu prato.

Não temos dificuldade em encontrar uma mesa vazia no canto, onde não seremos ouvidos. Dou a ele um momento para comer em silêncio, fitando a comida para evitar meu olhar. O Heron que

conheço jamais me ignoraria; ele consideraria essa atitude desrespeitosa. Não há nada de desrespeitoso agora, eu me dou conta. Ele está com medo de mim. Será que pensa que o culpo pela morte de Elpis?

Pigarreio. Talvez, se eu contar a ele meu segredo, Heron se sinta melhor em relação ao dele.

– Tive a chance de matar Søren – começo.

Ele faz uma pausa, uma tira de carne-seca a meio caminho da boca aberta.

– Eu estava com o punhal nas costas dele antes que ele sequer soubesse o que estava acontecendo. Não havia saída. Eu sabia, ele sabia. Ele até me falou para ir em frente, me incitou. Acho que queria que eu o matasse. Acho que pensou que, de alguma forma, isso nos deixaria quites. Mas não consegui matá-lo.

Ele enfim me encara, a expressão inescrutável.

– Não contei isso a ninguém, nem a Blaise – prossigo. – Tenho certeza de que ele e Art deduziram que não tive oportunidade, mas eu tive. Só não fui forte o bastante para aproveitá-la. E é bom poder contar a alguém. É bom contar a você.

Heron mastiga a carne devagar, olhando para o prato. Ele quebra um canto de um biscoito, e então parte esse pedaço ao meio.

– Eu te contei sobre Leônidas – diz ele baixinho. – Nós nos conhecemos na mina do Ar, assim que fomos levados para lá. Ficamos amigos imediatamente. Ele era uma das únicas coisas que tornavam suportável sobreviver naquele lugar. Ele estava lá quando mataram minha mãe diante de mim, estava lá quando minha irmã perdeu cotas demais e eles a levaram para o subterrâneo da mina. Estava lá quando trouxeram seu corpo de volta. E eu estava lá quando levaram o irmão dele, depois seu

amigo mais antigo. Nós nos abraçamos e soluçamos e, de alguma forma, naquele pesadelo horrível que era nossa existência, encontramos o amor. Não foi uma história como a que os pais contam aos filhos sobre romance e finais felizes para sempre, mas era amor. Era tudo que me fazia continuar me levantando de manhã.

Ele esmaga um canto do biscoito, transformando-o em migalhas, os olhos estreitados e sem foco.

– Os sintomas começaram aos poucos, mas nós dois sabíamos o que significava. Sua pele ficava muito quente, como se ele estivesse sempre com febre, e ele dormia cada vez menos, até que finalmente parou de vez. Nunca falávamos sobre isso, não abertamente, e escondemos o máximo possível dos guardas. Conseguimos por um tempo, mas não tem como ocultar a loucura das minas para sempre.

Então o peso em seus ombros não é por causa de Elpis, afinal. Eu me inclino em sua direção.

– Eles o mataram na hora? – pergunto.

Espero que sim. Pelo menos assim teria sido uma morte rápida, menos dolorosa. Uma morte misericordiosa, embora eu saiba que os kalovaxianos não são benevolentes.

Heron, porém, balança a cabeça, engolindo em seco.

– Eles o levaram. Para que fosse executado, disseram. Mas agora sabemos que isso pode não ser verdade.

Algo ácido invade meu estômago. É possível que o tenham enviado para a batalha como um berserker, mas existem destinos ainda piores do que esse. Havia experimentos – eu vira com meus próprios olhos, realizados nos três últimos Guardiões da minha mãe, mantidos nas masmorras do palácio por uma

década. Colhiam sangue, amputavam dedos, cortavam a pele. É possível que tenha sido esse o destino de Leônidas, mas nunca vou dizer isso a Heron.

– Eu lutei com os guardas quando o levaram. Deixei um inconsciente, até. Então eles me jogaram no subterrâneo da mina – conta Heron, estremecendo. – Espero que você nunca veja um lugar como aquele, a cena ainda assombra meus pesadelos. Havia crostas de sangue nas paredes, e eu sabia que parte dele devia ser da minha irmã, Imogen. E o cheiro... enxofre e putrefação tão pungentes que era impossível se acostumar. Quando eles levavam outros lá para baixo, seus gritos perfuravam as paredes da caverna, mas eu nunca gritei. Fiquei em posição fetal e esperei a morte.

Heron prossegue.

– Eu não tinha mais nada.

Debruçando-se sobre a mesa, ele toma minhas mãos nas suas, muito maiores. Sua expressão é estranha, não horrorizada ou triste, como esperei que parecesse. Em vez disso, pela primeira vez desde que o conheci, a esperança o anima.

– Foi quando os deuses me abençoaram, quando Ozam me deu seu dom. Pensei que o objetivo fosse me dar a possibilidade de vingança, mas e se eu o tiver para que possa salvá-lo?

– Você acha que Leônidas pode estar vivo... – percebo.

– É possível. – Suas mãos apertam as minhas. – Eu nunca tive a sensação de que ele estava morto de fato. Nunca me pareceu real. Sei que faria sentido se ele estivesse morto.

Uma parte de mim quer dizer a ele que isso não é necessariamente garantia de que Leônidas esteja vivo. Outra parte quer dizer que às vezes ainda não sinto que minha mãe

está morta de verdade, apesar de eu tê-la visto morrer com meus próprios olhos. Uma sensação não é prova. Mas eu não suportaria matar a migalha de esperança que ele encontrou, embora tampouco gostaria que essa migalha o destruísse quando não levasse a nada.

– A maioria das vítimas da loucura das minas não vive mais do que poucas semanas – observo, cautelosa.

– Eu sei – diz ele sem demora, antes de me lançar um olhar grave. – Mas nós dois sabemos que é possível sobreviver por muito mais tempo.

Balanço a cabeça. Não que eu esteja surpresa que Heron tenha percebido os sintomas de Blaise – ele suspeita de loucura das minas, presumo –, mas esse assunto ainda tem o peso de um segredo, e um sobre o qual não estou disposta a falar com ninguém. Nem mesmo com Heron.

– É possível, é só o que estou dizendo – afirma ele.

Heron está apertando tanto minhas mãos que já não sinto os dedos.

– É possível – concordo de maneira gentil. – Mas não sei o que podemos fazer a esse respeito, Heron.

Ele fica em silêncio por um momento e posso ver que está tentando encontrar as palavras certas.

– Talvez Søren saiba de alguma coisa. Sobre loucura das minas e berserkers. Sobre o que pode ter acontecido.

Balanço a cabeça.

– Ele usou berserkers, mas acho que não sabia muita coisa sobre eles. Søren estava seguindo ordens.

– Mas existe uma possibilidade – insiste ele, sua voz tornando-se mais desesperada.

Balanço a cabeça mais uma vez.

– Não é uma boa ideia eu ir falar com ele, Heron – digo. – Mas se você perguntar...

– Eu tentei. Ele não quer falar comigo – responde.

Fico com a sensação de que alguém jogou um balde de água fria em mim. Heron foi ver Søren? Ignorando meu ar de surpresa, ele continua:

– Um dos guardas me disse que ele não falou uma só palavra desde que o trouxemos a bordo.

– Ele está sendo mantido como refém – observo. – Isso em geral não torna pessoas como Søren muito tagarelas. Duvido que queira falar comigo também.

Heron olha para mim como se pudesse ver meus pensamentos mais profundos.

– Ele vai falar com você – afirma. – Por favor. Eu sei que isso pode dar em nada, sei que a probabilidade é de que Leo já esteja no Além, me chamando de tolo neste momento, mas se ele não estiver... se houver uma mínima chance de que ainda esteja neste mundo... eu preciso saber. Se alguém pode entender isso, esse alguém é você.

Minha mãe nunca está longe dos meus pensamentos, mas agora ela os domina e não posso deixar de pensar no que teria acontecido se eu não a tivesse visto ser morta com meus próprios olhos, se não tivesse sentido sua mão, que segurava a minha, tornar-se frágil enquanto a vida deixava seu corpo. Se

houvesse um fiapo de esperança de ela ainda estar viva, o que eu faria para encontrá-la?

A resposta é simples: não existe nada que eu não faria.

– Vamos vê-lo hoje à noite – digo a Heron.

• • •

Blaise está escalado para o turno de trabalho da madrugada, mas concorda em ficar comigo até eu adormecer. Embora eu seja grata pela companhia, a conversa com Heron é como um peso nos meus ombros. Não tenho a intenção de mentir, mas também não consigo contar a Blaise sobre ir ver Søren esta noite. Não quero ouvir o que ele vai dizer sobre isso.

– Se chegarmos a Sta’Crivero e Dragonsbane ainda estiver insistindo nessa história de casamento – diz ele, de costas para mim enquanto visto a camisola –, podemos ir embora. Existem muitos outros navios em Sta’Crivero. Você, eu, Heron e Art na cozinha.

Ele não menciona Søren, o que só reafirma minha decisão de não contar a ele sobre meu plano. Em sua mente, Søren agora é problema de Dragonsbane, nada mais. Ele não compreenderia. Só se perguntaria se há alguma verdade nos rumores que estão circulando sobre nosso envolvimento.

– Precisamos de Dragonsbane não só por causa dos navios – lembro a ele com um suspiro, passando a camisola de algodão pela cabeça. – E ela sabe disso... Pode se virar, já estou decente.

Ele se vira e seus olhos percorrem meu corpo antes de encontrarem meu olhar. Ele sorri ligeiramente.

– Você nunca está decente – afirma ele, fazendo com que eu retribua o sorriso.

Mais um vislumbre fugaz de uma vida simples e divertida que poderíamos ter tido. Contudo, seu sorriso desaparece muito rápido, e voltamos à vida que é de fato nossa. Ele continua:

– E você não pode estar considerando de verdade a proposta dela.

– É claro que não – desdenho. – Mas ir embora não é tão fácil assim, você sabe disso. Qualquer um de quem aceitemos ajuda vai querer alguma coisa. Todo mundo quer algo de mim.

Não me dou conta de quanto essas palavras são verdadeiras até dizê-las em voz alta. No entanto, uma vez enunciadas, elas são incontestáveis.

Eu me estico sob as cobertas e me viro para a parede na qual a cama está encostada, ouvindo-o tirar as botas antes que o colchão ceda quando ele se enfia ao meu lado.

Ainda sinto a mentira pairando desconfortavelmente entre nós, mesmo quando ele encaixa o corpo junto ao meu, seu peito pressionando minhas costas, os joelhos se dobrando atrás dos meus, a testa tocando minha nuca. Hesitante, seu braço passa pela minha cintura, a pele quente.

Ele tem o cheiro de Astrea: condimentos, lareira e lar.

– Eu só quero você – sussurra ele, as palavras também hesitantes.

Deslizo a ponta dos dedos pelo seu braço, mas as palavras que quero dizer em resposta ficam presas em minha garganta.

CORRENTES

Finjo dormir até Blaise ir para seu turno de trabalho, tentando ignorar tamanha ansiedade que fixou residência em mim. Vou ver Søren esta noite e, embora eu queira fingir que minha maior preocupação em relação a isso é ser apanhada, essa não é toda a verdade. A última vez que o vi, eu o tinha traído e ele disse que me amava mesmo assim. Ele não me ama. Não pode me amar. Mas algo me diz que esse encontro não vai ser nem um pouco confortável.

Fiz o que eu tinha de fazer, repito para mim mesma e, embora isso possa ser verdade, não alivia a culpa que se apossou de mim.

Felizmente, não tenho muito tempo para pensar a respeito antes que Heron chegue batendo à porta de forma tão suave que quase não percebo. Afasto as palavras de Blaise da minha mente e jogo os cobertores de lado, descendo da cama.

– Entre – digo, voltando a calçar as botas.

A porta se abre e volta a se fechar e, se eu não soubesse, pensaria que era apenas o vento.

– Você contou a Blaise o que vamos fazer hoje à noite? – pergunta Heron, tremeluzindo e se materializando.

O brinco de candelabro de Pedras do Ar que roubei de Crescentia agora está preso no tecido de sua camisa, bem acima do coração, como uma insígnia. Logo após seu uso, as minúsculas pedras translúcidas brilham na escuridão por um momento, emitindo luz suficiente para me permitir ver o rosto de Heron, franzido pela preocupação e por um tipo sombrio de esperança.

– Você teria contado? – replico, amarrando o cadarço de uma bota, depois da outra, antes de vestir o manto por cima da camisola. – Nós dois sabemos que ele teria tentado me convencer a não fazer isso. Ninguém pode me ver lá embaixo.

Heron estende a mão para me ajudar a ficar de pé e, quando eu a seguro, nossos dedos unidos começam a desaparecer, deixando uma sensação de formigamento, como se estivessem dormentes. A sensação sobe pelo meu braço, fazendo-o sumir enquanto prossegue, junto com o de Heron. Nossos ombros, torsos, cabeças e pernas, tudo desaparece, até a cabine parecer vazia e meu corpo inteiro estar zumbindo.

– Não vou conseguir nos manter assim por muito tempo, então é melhor irmos agora – avisa ele, mudando a posição da mão, de modo que nossos dedos fiquem entrelaçados antes de me puxar, passar pela porta e deixá-la bater atrás de nós.

Eu o acompanho de perto enquanto ele dispara pelo corredor, evitando agilmente os poucos tripulantes atarefados por que passamos.

Alguns deles devem sentir nossa passagem: eles olham ao redor, confusos, um tremor de medo percorrendo-os enquanto imaginam fantasmas e dizem a si mesmos que é só o vento.

Tenho apenas uma vaga ideia de onde Søren está, mas Heron conhece bem o caminho, virando de um lado e de outro em corredores e precárias escadas em espiral. Eu só preciso segui-lo e tentar impedir que meus pensamentos se demorem em Søren.

Vou só fazer algumas perguntas, lembro a mim mesma. Não vamos falar sobre sua suspeita de que Blaise tenha contraído a loucura das minas ou a insinuação de que eu possa estar nutrindo sentimentos verdadeiros por ele.

Não mesmo. Talvez tenha nutrido um dia, mas antes de ele ter comandado seus homens na carnificina de milhares em Vecturia. Isso foi antes de eu saber quem ele realmente era. Mas, mesmo enquanto penso nisso, sei que não é a verdade completa. Não, eu não amo Søren, mas me preocupo com ele. Não quero vê-lo acorrentado. Não quero saber que fui eu quem o colocou ali.

Dois homens montam guarda diante de uma porta na extremidade do último corredor, ambos empunhando lanças rudimentares junto à lateral do corpo e parecendo sonolentos. Fico com o corpo todo tenso ao vê-los, embora eu devesse ter esperado que eles estivessem ali – não havia a menor chance de Dragonsbane ter deixado Søren sem vigilância.

Heron sente meu pânico e aperta minha mão antes de desvencilhar os dedos dos meus e deslocar minha mão para o seu antebraço. Ele continua a andar na direção dos guardas, então imagino que deva ter um plano. Saindo das sombras, ele deixa a invisibilidade se dissipar de forma a se tornar visível diante deles, assustando-os.

Espero a visibilidade me alcançar também, um monte de desculpas esfarrapadas aflorando dos meus lábios, mas minha invisibilidade se mantém. Agarro-me ao braço dele com força, o coração martelando em meu peito.

– Boa noite – diz Heron, assentindo para um guarda de cada vez.

– Vai fazer uma sessão com ele? – pergunta um deles.

Não sei bem o que ele quer dizer, mas Heron se limita a fazer um gesto afirmativo com a cabeça.

– Vou ficar dez minutos – responde ele.

Os dois guardas dão um passo para o lado e deixam Heron passar. Eu me mantenho meio passo atrás dele, tentando

decifrar suas palavras.

Uma sessão com ele. Não significa o que estou pensando. Não pode ser. Dragonsbane jamais permitiria – mas, tão logo começo a pensar a respeito, concluo que permitiria. No entanto, Heron teria me dito se soubesse. Teria tentado impedir. Disso eu tenho certeza.

Porém, quando a porta se fecha às nossas costas e meus olhos se ajustam à penumbra da cabine que serve de cela, meu estômago se revira.

Søren se encontra apoiado na parede oposta, uma abertura do tamanho de um palmo acima de sua cabeça, a única fonte de ar fresco. Algemas de ferro pesadas e enferrujadas prendem seus pulsos, sangue novo e velho se acumulando na pele em torno delas. Ele está com as mesmas roupas da última vez que o vi, embora agora estejam esfarrapadas e ensanguentadas. Não resta mais nada da aparência que ele tinha há apenas dois dias. O cabelo cortado rente parece mais ruivo do que loiro e o rosto está coberto de hematomas e cortes abertos.

Ele não ergue a cabeça quando nos ouve entrar, apesar de se encolher diante do ruído.

Há uma prancha de madeira no chão perto dele, cuja borda está coberta de sangue.

A bile sobe até minha garganta e eu me afasto de Heron, rompendo nossa conexão. Então me viro e vomito no canto.

Sinto Heron atrás de mim e ele estende a mão hesitante para tocar meu ombro, mas eu o afasto com um empurrão.

– Você sabia disso – sibilo.

Mesmo com a fúria e a náusea torturando meu corpo, tenho consciência dos guardas do outro lado da porta.

Os olhos de Heron não se desviam dos meus. Ele não se acovarda diante da minha raiva. Deixa que ela o envolva.

– Sabia.

Sua voz não parece a do Heron que eu conheço. É como se ele tivesse sido partido em duas metades de bordas irregulares e afiadas o suficiente para fazer verter sangue.

Contenho as novas ondas de náusea que me sobrevêm, ponho a mão na barriga.

– Você participou disso? – pergunto, mas não tenho certeza se quero saber a resposta.

– Não – diz ele, e deixo escapar um suspiro de alívio. – Embora tivesse sido tentador.

– Você não me contou...

– Eles fizeram a mesma coisa com você, Theo – afirma ele.

Søren não fez, penso, embora saiba que esse é um argumento fraco. Entendo como isso aconteceu, que muitas pessoas neste navio queiram vir aqui e descontar sua fúria e seu sofrimento no único responsável em que podem pôr as mãos. Entendo o desejo de tirar algo dos kalovaxianos, sim, mas não está certo.

– Thor... Theodosia?

A voz de Søren soa rouca e entrecortada, pouco mais que um sussurro. Ele tenta erguer a cabeça, mas estremece de dor e a deixa pender outra vez.

Passo por Heron e corro até Søren, caindo de joelhos ao seu lado. Já houve momentos em que o odiei tanto que quis matá-lo – quase fiz isso –, mas agora a história é outra. Sei tudo sobre o sangue em suas mãos, as vidas que ele tirou, as guerras que travou contra pessoas inocentes. Não perdoei nem esqueci, nem imagino que um dia seja capaz disso. Talvez ele mereça o que está passando. Talvez esteja pagando uma dívida. Talvez a justiça esteja sendo feita.

Mas esse não é o mundo em que quero viver.

Estendo a mão para tocar seu rosto e ele se encolhe.

– Theo – chama Heron às minhas costas, embora eu não tenha certeza se é uma advertência ou uma tentativa de pedir desculpas.

– Você vai curá-lo – digo sem nem olhar para Heron, a voz trêmula. – Use seu dom. Cure-o.

– Não – responde ele.

– Isso não foi um pedido – insisto rispidamente sobre o ombro. – É uma ordem. Da sua rainha.

Heron fica em silêncio por um momento.

– Não – sentencia ele por fim, embora sua voz não soe tão firme.

– Então considere uma barganha – digo entre os dentes. – Você precisa de mim para conseguir suas respostas e eu não vou fornecê-las até que ele esteja curado.

– Você sabe o que ele fez, Theo – diz Heron. – Sabe o que ele é.

– Eu sei – replico. – Mas também sei que somos melhores do que eles. Temos de ser, senão qual o sentido da guerra que

estamos travando?

Ele hesita mais uma vez.

– Se eu o curar, só vai servir para fazerem de novo.

– Eu não vou deixar que façam de novo – argumento, embora não saiba como cumprirei essa promessa.

– A mãe de Elpis parece encontrar algum consolo nesse castigo. Você quer tirar isso dela?

Lágrimas ferroam meus olhos e eu me apresso em enxugá-las.

– Cure-o – repito. – Ou não vou conseguir as suas respostas.

Com um suspiro sonoro, Heron se ajoelha do outro lado de Søren, tomando-lhe a mão quase sem vida e quebrada nas suas.

À medida que o poder curativo de Heron começa a fluir para o seu corpo, Søren se esforça para abrir os olhos, que encontram os meus. Há tanta dor ali que me faz perder o fôlego.

– Vou dar um jeito nisso, Søren. Eu prometo.

Eu não deveria prometer coisas que não tenho a menor ideia de como vou cumprir, mas as palavras saem antes que eu possa impedi-las.

– Não está tão ruim assim – diz ele com uma tentativa de sorriso.

– Poderia ser pior.

Com o toque de Heron, a pele rasgada dos pulsos de Søren se fecha e fica uniforme sob as pesadas algemas. Os hematomas que cobrem a maior parte de sua pele se tornam amarelos antes de desaparecerem por completo. Os ossos quebrados de seu rosto, o lábio cortado, o roxo dos olhos, tudo isso é revertido diante dos meus olhos, como se semanas houvessem se

passado. Quando Heron termina, Søren praticamente voltou a ser o mesmo. Mas não há magia que apague o cansaço nas linhas de sua boca ou o modo como os olhos se afundam na pele pálida, destacados por intensas meias-luas roxas.

– Você quer alguma coisa – diz ele baixinho, tentando se sentar ereto.

Heron não fez um trabalho de cura completo e Søren ainda estremece de dor. Costelas machucadas, talvez.

– Eu não sabia que seria assim – explico a ele. – Não fazia ideia.

Søren me olha, incrédulo, antes que seu olhar se suavize.

– É a guerra – afirma ele. – É assim que acontece. Seu amigo tem razão. Nós dois sabemos que fiz coisas piores.

Isso eu não posso negar. Penso nele usando berserkers na batalha de Vecturia. Penso em quando, ao perder aquela batalha, ele ordenou que as reservas de alimento dos vecturianos fossem destruídas à medida que recuavam. Quantos deles estão morrendo agora, famintos, enquanto o inverno se instala na região e suas plantações param de crescer? Talvez esta seja mesmo uma espécie de justiça, o único tipo a que pessoas como a mãe de Elpis têm acesso.

Em minha mente, isso quase faz sentido, mas eu já estive nesse lugar. Lembro do kaiser mandando me espancar sempre que outro astreano lhe causava problemas. Semana passada mesmo paguei pelas mortes de kalovaxianos na batalha de Vecturia. Parece a mesma coisa, embora eu saiba que não é.

– O que você quer? – pergunta Søren. – Não veio aqui para ficar com pena de mim.

Eu não tenho pena de você, quero dizer a ele. Já estive onde você está e sei que ninguém merece isso, nem mesmo você, com suas mãos encharcadas de sangue. Mas não posso dizer nada do tipo, não com Heron aqui ouvindo. Estreito os lábios, que formam uma linha fina, e me empertigo, mantendo uma pequena distância entre nós.

– O que você sabe sobre berserkers? – pergunto a ele. – O que acontece entre as minas e o campo de batalha?

Os olhos injetados de Søren vão de Heron a mim.

– Os guardas nas minas sequestravam as pessoas que apresentavam sintomas da loucura. Às vezes a doença estava avançada demais ou o corpo demasiadamente fraco para que elas fossem usadas na batalha. Essas eram executadas no local. Às vezes, aparecia alguém com sinais de um dom em vez da loucura. Essas eram mantidas em algum lugar separado.

– Para experimentos – completo.

Søren assente, desviando os olhos e engolindo em seco.

– Eu não gostava de pensar nisso – comenta ele, mas as palavras saem fracas.

– Leônidas não tinha um dom – observa Heron, baixinho. – E, quando os guardas finalmente o descobriram, ele estava delirante... não conseguia nem mais ficar de pé sozinho. Conseguimos esconder o estado dele por muito tempo.

Søren não diz nada, apenas balança a cabeça.

– Você o matou, então – afirma Heron, passando as costas da mão pelo rosto para secar as lágrimas que eu não tinha visto caírem.

– Eu não – replica Søren. – Mas os guardas devem ter feito isso, sim.

Tudo acontece tão rápido que não tenho tempo para pensar em como reagir. Em um momento Heron está paralisado, em choque. No seguinte, está se lançando na direção de Søren. Então, eu me vejo entre os dois, agindo como um escudo para Søren, apesar de não estar inteiramente convencida de que ele mereça proteção.

Ponho as mãos nos ombros de Heron, e, embora eu saiba que poderia passar por mim com facilidade, ele não faz isso. Seu olhar é homicida e violento, e eu nunca imaginei que ele fosse capaz de expressar esses sentimentos.

– Theo, saia da frente – pede ele, os dentes cerrados.

– Não – respondo, proferindo a palavra com cuidado para que eu soe mais forte do que me sinto. – Não vai ajudar em nada.

– Você não tem como saber e eu gostaria de ter certeza – diz ele.

– Você está coberto de razão – afirma Søren, antes de engolir em seco mais uma vez. – Não importa se eu não o matei com as minhas mãos. Eu deixei que acontecesse... não só com ele, mas com milhares de outros. Vou pôr um fim nisso.

Heron olha para ele com desdém.

– Você não pode pôr fim a nada, prinkiti. Está acorrentado em um navio cheio de pessoas que o odeiam.

Søren não tem uma resposta, então não diz nada. Após um momento, os punhos de Heron relaxam aos poucos.

– Depois que vocês vieram e destruíram tudo, eu não queria mais nada com o resto do mundo. Só queria minha casa de volta

– diz, cada palavra um punhal. – Leônidas era diferente. Ele ainda queria viajar após o cerco. Disse que lá fora tinha que haver mais de nós do que de vocês. Ele achava que o mundo era composto principalmente de pessoas boas. Eu me pergunto se ele diria o mesmo agora.

Ele se interrompe com uma risada vazia, sem qualquer tipo de alegria.

– Provavelmente sim – admite, balançando a cabeça. – É provável até que perdoasse você. Ele era uma pessoa melhor do que eu.

Søren não diz nada, mas Heron não espera que ele o faça. Heron se vira e começa a se dirigir para a porta.

– Você pode vir comigo, Theo, ou pode ficar. Mas, se ficar, vai ter muito o que explicar quando for encontrada.

Os olhos de Søren disparam para mim e tornam a se desviar, pousando nas pedras à sua frente. Ele parece tão perdido que, por um momento, hesito.

Eu, melhor do que ninguém, sei como fica uma pessoa que desistiu. Examinando a cela, percebo que ali é possível acabar com a própria vida de algumas formas – batendo a cabeça no chão de pedra, enrolando as correntes no pescoço, cortando os pulsos no prego que se projeta da parede de madeira. Tenho certeza de que Søren consegue encontrar mais uma meia dúzia de possibilidades caso resolva procurar. Deixá-lo fazer isso pode até ser um gesto de misericórdia.

O mundo, porém, ainda não acabou com ele; tampouco eu.

– Eu vou voltar – digo a ele. – Prometo.

Ele assente, embora seus olhos estejam distantes e o maxilar, contraído.

JUNTOS

– Você fez o quê? – pergunta Blaise, mal se lembrando de manter a voz baixa.

Com ele, Heron e Artemisia, minha cabine parece menor do que nunca. Não há espaço nem para andarmos. Artemisia e eu estamos sentadas lado a lado na cama enquanto Heron se recosta na parede perto da porta e Blaise se senta no tampo da cômoda. Dá para ver que ele gostaria de se levantar e andar pela cabine para clarear a mente, mas não é possível ficar de pé sem pisar nos pés de Heron, e não há por onde andar.

– Eu não sabia o que estavam fazendo com ele, embora imagine que todos vocês soubessem – digo, mantendo a voz calma e controlada enquanto olho de Artemisia a Blaise.

Heron não olha para mim – não olhou desde que deixamos Søren na cela – e eu particularmente também não quero olhar para ele. Blaise baixa os olhos, a culpa estampada no rosto, mas Artemisia sustenta meu olhar, sem pudor algum.

– A gente sabia que, se você descobrisse, faria alguma coisa idiota. E aqui está você querendo fazer alguma coisa idiota – entoa ela.

Longe da presença de Dragonsbane, ela mostra os espinhos de sempre e, por mais que suas palavras sejam ríspidas, fico feliz em tê-la de volta.

– Não podemos deixá-lo lá, certo? – pergunto a eles. – Que diferença existe entre nós e os kalovaxianos se agimos exatamente como eles? Eu já estive na posição dele, só que fui tratada melhor. Pelo menos eu tinha um quarto. Não ficava acorrentada. Tinha roupas limpas e boa comida.

– Você não fez nada para merecer aquilo – replica Blaise. – Não comandou batalhões, não foi responsável pelo fim de muitas vidas. Você era uma criança.

O argumento dele é válido e não tenho como contestá-lo.

– Søren pode ser um recurso mais valioso se estiver do nosso lado – digo, então.

– Se estiver do nosso lado – ecoa Artemisia.

– Ele achava que estava, antes de eu o trair – observo. – Estava pronto para enfrentar o pai e ir para a guerra.

– Estava pronto para Astrea juntar forças com os kalovaxianos – corrige Artemisia. – Isso não vai acontecer.

– E eu não quero que aconteça – afirmo.

– Quer, sim – rebate Heron, falando pela primeira vez.

Sua voz ainda soa áspera, mas a maior parte da raiva já se dissipou. Tudo que resta é a dor, que é ainda mais difícil de suportar. E ele continua:

– Você quer que a gente se junte a ele.

– Ele quer ser diferente – digo. – Você mesmo viu isso, Heron.

Ele não responde, mas seu maxilar está contraído.

– Temos todo o poder aqui – prossigo. – Ele pode nos ajudar e não precisamos nem oferecer algo em troca, nenhuma trégua ou misericórdia. Ele só quer a própria alma. Só quer provar para si mesmo que não é igual ao pai. E podemos usar isso a nosso favor.

– Theo... – começa Blaise com um suspiro.

– Não é uma situação ideal – interrompo. – Mas, nesse momento, estamos indo para um país onde minha mão em casamento está sendo leiloada a quem oferecer o melhor lance. Nada nessa situação é ideal.

Nenhum deles responde, e uma onda de poder percorre o meu corpo. Estamos do mesmo lado, lembro a mim mesma, embora eu tenha passado tanto tempo isolada que é fácil esquecer isso às vezes.

– Minha mãe não vai abrir mão dele – afirma Artemisia. – Ela vai lutar contra você a cada passo, e vai contar com muito apoio. Não estou dizendo que você está errada... também não estou dizendo que está certa, que fique bem claro... mas você não pode se dar ao luxo de fazer dela uma inimiga.

– Dragonsbane não é a melhor aliada, eu sei – acrescenta Blaise. – Mas, neste momento, é a mais forte que temos. Precisamos escolher nossas batalhas.

Lembro-me de pensar o mesmo em relação ao kaiser, que eu tinha que escolher os aspectos em que o enfrentaria e aqueles em que nada faria, e com que rapidez aprendi que eu não tinha a menor chance de vencer qualquer batalha, portanto nem sequer tentava lutar. Não estou sob o domínio dele, não sou mais impotente, mas me sinto assim agora. Pensar em Søren naquela cela, espancado e sozinho, me enoja. Fui eu quem fez isso com ele, eu o coloquei ali, e agora não consigo tirá-lo de lá.

– Muito bem – digo. As palavras têm um gosto amargo. – Porém, enquanto ele estiver lá embaixo, quero que esteja o mais seguro possível. Heron...

Eu me interrompo. Não tenho o direito de pedir isso a ele, não depois do que ele perdeu, mas peço assim mesmo, ainda que não enuncie as palavras.

Heron engole em seco e sustenta meu olhar.

– Vou curá-lo dia sim, dia não – diz ele. – E só os piores machucados. Mais do que isso vai levantar suspeitas.

• • •

Depois que Blaise e Heron saem da cabine e voltam para suas respectivas tarefas, Artemisia permanece ao meu lado na cama, puxando um fio franzido da colcha e me olhando, a cautela pesando nos olhos escuros. Ela parece estar com medo de mim, o que é estranho, pois geralmente ocorre o contrário.

– Você não me chamou para a reunião com a minha mãe – diz ela depois de um tempo, cada letra tão afiada que poderia cortar.

– Pensei que seria cruel pedir a você que ficasse do meu lado e não do dela – explico, mas ela percebe na mesma hora que isso é parcialmente verdade.

Seus olhos se estreitam e ela se levanta de maneira abrupta.

– Não preciso de piedade, muito menos da sua.

A voz dela é grave e perigosa.

As palavras machucam.

– Não tenho pena de você – afirmo, embora não tenha certeza se isso é verdade.

Artemisia, porém, não quer palavras bonitas, suaves e fáceis de ouvir. Ela quer a verdade dura e desconfortável, e eu compreendo isso.

– Você é inútil na presença da sua mãe. – Eu a encaro ao dizer isso. – Preciso de gente que possa falar para ela que está errada, que a enfrente e não se acovarde.

Por um momento, ela me olha em choque e por fim responde:

– Você não sabe do que está falando.

– Acha que eu não queria você naquela cabine? – pergunto. – É claro que queria. Precisava de você. Blaise e Heron têm suas forças, mas Heron é um sonhador com o coração partido e Blaise tem dificuldade em ver o panorama mais amplo... O foco dele é sempre em mim, não em Astrea como um todo. Eu precisava de alguém que dissesse o que precisava ser dito, e nenhum dos dois pode fazer isso. Mas você também não quando sua mãe está por perto. Você se transforma em uma sombra que fica murmurando com os olhos assustados, e isso não me serviria de nada.

Ela fica completamente imóvel, a expressão inescrutável. Espero que ela discuta, que revide. Quero que ela faça isso. Mas o que faz é soltar um suspiro, sua ferocidade murchando como uma vela sem vento.

– O que foi que aconteceu na reunião? – pergunta ela.

Conto sobre os planos de sua mãe em me fazer casar com um governante estrangeiro e que ela já está nos levando para Sta'Crivero. Conto ainda sobre o evento que o rei de lá está promovendo. Digo que não concordei com absolutamente nada.

– Foi inteligente da sua parte.

– Rainhas não se casam – digo a ela.

Artemisia bufa.

– Ah, essa é a única escolha que temos se queremos garantir um exército grande o bastante – argumenta ela. – Mas conheço minha mãe e tenho certeza de que ela está ganhando algo mais com esse arranjo. Ao discordar do noivado, você tem alguma

coisa que minha mãe quer e, portanto, ainda está minimamente no controle.

Não é o que eu quero ouvir, mas é raro isso acontecer com Artemisia. E é exatamente por isso que preciso dela, assim, ao meu lado.

– Mas não poder o bastante para libertar Søren – completo.

– Nem de longe – replica ela antes de fazer uma pausa. – Mas pode ser um começo.

Penso por um instante em suas palavras. Então digo a ela:

– O que quer que exista entre você e sua mãe, mantenha o controle.

Artemisia hesita e em seguida assente. Depois desvia o olhar, mordendo o lábio inferior.

– Ela a subestima e isso é algo de que você pode tirar vantagem, mas não seja boba de cometer o mesmo erro. Não subestime o que ela é capaz de fazer.

QUEIMADA

Cress se encontra do outro lado das grades enferrujadas da cela, segurando-as com os dedos minúsculos e brancos como ossos. Ela agora só chega à altura da minha cintura, embora uma parte de mim saiba que ela sempre foi apenas um pouquinho mais alta, um pouquinho mais velha, um pouquinho mais esperta. Não é mais – agora é uma criança de rosto redondo com cabelos louros presos em duas tranças que pendem abaixo dos ombros. Seus olhos estão arregalados e cheios de preocupação.

– Você está bem? – pergunta ela, pronunciando as palavras kalovaxianas de maneira clara e lenta, para que eu possa compreendê-las.

O jeito como ela fala ecoa em algum lugar bem fundo em minha mente, fora do meu alcance. Há uma dor distante e familiar no fundo do meu estômago. No entanto, ela é suprimida pelo alívio diante de sua visão.

Ela poderia ser Evavia, deusa da segurança, acho, mas isso também não parece um pensamento meu. Não mesmo. Mas não importa. Tudo que sei é que preciso de ajuda, que estava me afogando e ei-la aqui, um sopro de ar desesperado e arquejante.

Cress estende a mão entre as grades, os dedos pequenos fechando-se em torno do meu punho. Luto para não arquejar de alívio.

O sorriso dela se abre, revelando dentes que foram afiados, tornando-se pontiagudos. Surpresa, puxo a mão de volta, escapando de seu alcance.

Um ponto cinza em seu pescoço cresce e se espalha até que toda a pele do local se torna enegrecida e carbonizada. Tento dar

outro passo para me afastar dela, mas minhas costas batem na pedra úmida e fria.

Cress agarra as grades novamente, mas dessa vez o metal se derrete sob seu toque. Ela caminha em minha direção com as mãozinhas estendidas, as palmas de um vermelho vivo, com chamas lambendo a ponta dos dedos. Eu me agacho e me espremo de encontro à parede, desesperada para escapar dela, mas não há para onde ir. Ela também deve ter percebido isso, porque para bem à minha frente, inclinando-se e chegando bem perto do meu ouvido.

– Somos irmãs do coração, Thora – sussurra ela, a mão em chamas pairando logo acima do meu peito. – Vamos ver se eles combinam?

• • •

Meus próprios gritos me acordam e eu me viro, enterrando o rosto no travesseiro para abafá-los. Estou ciente do espaço vazio ao meu lado, do fato de o travesseiro ainda estar quente. Blaise deve ter saído faz pouco tempo. Respiro fundo algumas vezes tentando me acalmar, fechando os olhos para reabri-los imediatamente quando vejo o sorriso grotesco de Cress em minha mente. Os lençóis enroscados em minhas pernas estão encharcados de suor e demoro alguns instantes para conseguir me livrar deles. A trança que fiz em meu cabelo na noite passada está se desfazendo. Fios soltos agora grudam em minha testa e em minhas bochechas.

Trêmula, me levanto e vou até a bacia no canto da cabine, despejando nela um pouco de água do cântaro. Molho meu rosto e pescoço. Parece gelo, mas não adianta muito para acalmar o fantasma do fogo que sinto rastejar em minha pele.

Depois de secar o rosto com uma toalha surrada, volto para a cama e mal consigo reprimir um grito. Ali, nítidas contra os

lençóis brancos, há duas marcas de mão pretas do tamanho das minhas.

São apenas sombras do meu sonho, agarrando-se a mim, digo a mim mesma. Tento piscar para afugentá-las, porém não há como apagá-las, por mais que eu tente.

É um produto da minha imaginação, tem de ser, mas, quando estendo a mão para tocar uma delas, o algodão carbonizado se desfaz sob meus dedos, transformando-se em cinzas.

Recuo, cambaleando, minha mente um turbilhão de pânico e negações que não fazem sentido. O que faz sentido, então? Que eu fiz isso? Queimei meus lençóis? Viro as mãos para olhar as palmas, que estão em um tom vermelho vivo, apesar de não doerem. Sinto apenas um leve e quente formigamento dançando sobre a pele. Parece mágica, a mesma sensação que tive na corte ao chegar muito perto de uma Pedra do Fogo.

Engulo o pânico que toma conta de mim. Meus pensamentos estão confusos demais para que eu possa dar sentido a eles. Aperto as mãos, tocando o tecido da camisola, como se isso pudesse resolver alguma coisa.

O que está acontecendo comigo? Pensei que o calor que senti na cabine de Dragonsbane fosse coisa da minha cabeça, mas não posso fingir que estou imaginando isto, não quando as provas estão bem diante dos meus olhos.

Sempre senti uma afinidade com Houzzah, o deus do fogo; sempre me senti atraída pelas Pedras do Fogo. Pensei que fosse por ser descendente dele, mas isso não pode ser verdade. Eu compartilho seu sangue tanto quanto Artemisia e Dragonsbane, mas nenhuma delas parece se sentir atraída por Houzzah. Dragonsbane não acredita em nenhum dos deuses e Artemisia foi abençoada por Suta, a deusa da água. Não pode ser uma questão apenas de sangue. Trata-se de algo mais, algo perigoso.

Penso em Cress como a vi pela última vez na masmorra, sobrevivendo a uma dose de veneno capaz de matar um homem com o dobro do tamanho dela e parecendo, no entanto, que a morte deixara nela suas impressões digitais. Como ela conseguiu sobreviver? E não só isso – seu toque, de tão quente, era capaz de queimar. Isso também deveria ter sido impossível, mas eu vi com meus próprios olhos e senti aquelas barras com as mãos. Quentes como meu próprio toque há apenas alguns momentos.

Não sei como qualquer uma dessas coisas é possível, mas não consigo acreditar que meu deus acharia aceitável salvar uma kalovaxiana – abençoá-la com seu dom – enquanto milhares de seu próprio povo enlouqueciam nas minas.

Tenho de me obrigar a respirar.

Ainda sinto a mão de Cress em meu peito, bem em cima do coração, sinto o fogo de seu toque enquanto me transformava em cinzas. Não tenho certeza, mas posso jurar que minhas mãos começam a esquentar outra vez.

Sem pensar no que estou fazendo, arranco os lençóis da cama, embolando-os em meus braços, de modo que as marcas queimadas não apareçam. Tento aquietar as mãos trêmulas ao entrar no salão. Não demora para que eu encontre um tripulante esfregando o chão – um garoto só um pouquinho mais velho do que eu.

– V-vossa Majestade – gagueja ele.

– Boa noite – cumprimento, conseguindo exibir um sorriso constrangido enquanto um plano se forma. – Receio que tenha havido um... incidente com meu sangramento mensal.

Por um instante ele me olha perplexo antes de seu rosto ficar escarlate e ele desviar os olhos.

– Ah, hã...

– Você pode, por favor, pedir a alguém que me traga lençóis limpos? Não tem pressa, mas até amanhã à noite seria maravilhoso.

– Ah... é claro – diz ele com cuidado. – Devo... hã... levar estes?
– pergunta ele, indicando com a cabeça os lençóis que tenho nos braços.

Ele parece apavorado, como se fossem alguma espécie de animal perigoso em vez de lençóis manchados.

– Não precisa. Posso levá-los para a lavanderia – respondo, e dá para ver que ele suspira de alívio.

Ele assente e misericordiosamente não faz mais perguntas. Mas eu não vou à lavanderia. Em vez disso, levo os lençóis sujos para a cozinha vazia e alimento a fomalha com eles, observando as chamas os consumirem até que não reste nada além de cinzas. Olhando a prova desaparecer, quase posso acreditar que imaginei aquilo tudo, mas sei que não. Ainda sinto minhas palmas formigando e quentes. Não estou imaginando. Não sou louca. Não sei o que sou. Não sei o que fazer. Não sei de nada.

A ideia de voltar para a cabine vazia e ficar sozinha com meus pensamentos é insuportável. Por mais infantil que isso me faça sentir, quero alguém que me abrace e me diga que tudo vai ficar bem, mesmo que eu não consiga imaginar falar sobre isso em voz alta. Blaise é em quem eu penso primeiro, mas ele deve estar em seu turno de trabalho e não quero incomodá-lo. Artemisia não parece habituada a demonstrações de empatia, e também não quero procurar Heron, depois de tudo o que aconteceu entre nós.

Existe outra opção, embora eu não precise de Artemisia para me dizer que é uma tolice. No entanto, minha mente já está a todo

vapor, criando mentiras e desculpas para a minha presença na cela. E, por mais tolo que possa ser, é para lá que meus pés me conduzem.

SØREN

É difícil percorrer os corredores do navio sozinha, mas, após errar o caminho algumas vezes, eu me vejo no corredor estreito e familiar, seguindo na direção de uma porta ladeada pelos mesmos dois guardas da noite anterior. Embora eles não tenham hesitado em deixar Heron passar, seus olhos se estreitam quando me veem e eu sei que não vai ser tão fácil.

– Vossa Majestade – murmuram ambos.

– Vim ver o prisioneiro – anuncio, tentando fazer a voz soar fria e distante, embora não creia que esteja conseguindo.

– O prisioneiro não tem permissão para receber visitas – retruca um dos guardas com tamanha segurança que eu quase acredito nele, mesmo tendo visto a verdade com meus próprios olhos.

Engulo em seco e me empertigo um pouco mais.

– Não sou qualquer visita – digo. – Como sua rainha, estou lhe ordenando que me deixe passar.

Os guardas se entreolham.

– Para sua própria segurança, Vossa Majestade não deve... – começa o outro guarda.

Mas, assim que ele diz não deve em vez de não pode, sei que ele será vencido.

– Ele está acorrentado à parede – digo antes de me apressar em acrescentar: – Eu presumo.

– Sim, mas é um homem perigoso – insiste o guarda.

– E, felizmente, tenho vocês dois bem aqui fora para o caso de eu precisar. É esse o seu trabalho, não é?

Mais uma vez os guardas se entreolham antes de darem um passo hesitante para o lado e abrirem a porta para mim. Passo por eles, entrando na cela, e, na mesma hora, sou engolfada por uma nuvem de ar parado e com cheiro de sangue fresco. Como ontem, Søren está apoiado na parede oposta, acorrentado pelos tornozelos e pelos pulsos. A cura que Heron perpetrou já foi desfeita, com cortes e contusões recentes cobrindo a maior parte de sua pele. Ao contrário de ontem, porém, ele ergue os olhos quando me aproximo. Embora sua boca esteja ensanguentada demais para ter certeza, acho que ele tenta um sorriso.

– Você voltou – diz ele, as palavras mais sopro do que voz.

– Eu disse que voltaria – replico, tentando injetar um pouco de animação na voz, embora o sentimento soe vazio.

Quase pergunto como ele está, mas a pergunta seria tão ridícula que não consigo me forçar a enunciá-la. Em vez disso, corro os olhos pela cela, pousando o olhar na prancha de madeira ensanguentada, nas correntes que machucam sua pele, na bandeja de comida ao seu lado. Deve ser seu jantar, alguns pedaços do biscoito de massa dura e carne-seca. Nada foi tocado.

– Você não comeu? – pergunto, tornando a olhar para ele.

Ele balança a cabeça devagar, os olhos ainda reservados e cautelosos. O olho direito está machucado e inchado e há um corte ao longo da bochecha.

Chego um passo mais perto, o suficiente para que, se ele quisesse saltar sobre mim, pudesse agarrar apenas a barra da

minha camisola. Não tenho medo dele, mas hesito em me aproximar.

– Qual foi a última vez que você comeu? – pergunto.

Ele pensa por um instante.

– Aquele banquete abominável quando retornei de Vecturia – diz, a voz dura. – Não consegui comer muito, com tudo que aconteceu.

Tudo que aconteceu. Não creio que algum dia eu vá esquecer o vestido revelador que o kaiser me obrigou a usar naquela noite, o modo como me tratou, como se eu fosse propriedade dele e ele pudesse me exhibir do jeito que quisesse. Suas mãos em mim, queimando como um ferro em brasas. Søren parecera doente, embora eu imagine que tenha sido muito mais fácil assistir à cena do que suportá-la.

– Você deveria estar recebendo comida como todo mundo – digo.
– Dragonsbane prometeu que seria alimentado.

Ele desvia os olhos.

– A comida é trazida três vezes por dia, chova ou faça sol. Eles forçam a água pela minha garganta, mas ainda não me obrigaram a comer.

Ele continua sem me olhar, então me permito observá-lo. Em apenas alguns dias, sua pele se esticou sobre os ossos, fazendo-o parecer mais um espectro do que uma pessoa. É involuntário, mas eu me pergunto o que sua mãe pensaria se pudesse vê-lo agora, e afasto esse pensamento antes que a kaiserin possa me envergonhar do além-túmulo.

– Por que você não está comendo? – pergunto.

Ele aproxima os joelhos do peito, enroscando-se. Eu me aproximo mais um passo.

– Há muitos anos, meu pai mandou que o theyn me treinasse para a eventualidade de vir a ser um refém – conta ele.

Falar parece lhe causar mais dor, no entanto ele continua:

– Meu pai disse que tínhamos muito inimigos e que devíamos estar preparados. A primeira coisa que o theyn me ensinou foi a não comer a comida dos captores.

Não posso evitar um gesto de desdém.

– Acha que a gente envenenou a comida?

Ele balança a cabeça.

– É uma questão de controle. Enquanto eu me recusar a comer, vocês estão seguindo os meus termos. Vocês não me querem morto, senão já teriam me matado, o que significa que precisam de mim. Mas, no segundo que eu aceitar sua comida, me torno dependente de vocês e perco esse controle. Isso nada mais é que um jogo psicológico, pouco mais do que um desafio de quem fica mais tempo sem piscar. – Ele se detém por um segundo. – Naquela época, consegui ficar três dias sem comida. Desta vez é mais fácil... principalmente porque sinto tanta dor que não lembro de sentir fome.

Ele não diz isso como se estivesse buscando piedade ou um pedido de desculpas, apenas constatando um simples fato. Elimino a distância entre nós e pego a bandeja, colocando-a diante dele.

– Preciso que você coma, Søren – digo, mas ele não se move. – Não sou sua inimiga.

Com isso, ele ri, mas o som de sua risada é fraco.

– Amigos, inimigos, não acho que isso tenha importância agora. As correntes são pesadas do mesmo jeito, não importa quem tenha a chave – diz ele.

– Eu entendo um pouco de correntes, ainda que as minhas, em geral, fossem metafóricas – afirmo.

Ele tem a elegância de parecer envergonhado por isso, seus olhos finalmente encontrando os meus.

– Ela é tudo que você pensou que seria? A liberdade?

Essa era para ser uma simples pergunta, mas ela se insinua em meu corpo, como uma adaga penetrando entre minhas costelas. Eu costumava sonhar com o dia em que finalmente deixaria o palácio, pararia sob um céu aberto, sem inimigos por todos os lados, respiraria sem aquele peso no peito.

– Eu te aviso quando a encontrar – digo a ele.

Algo cintila em seus olhos.

– A mulher que mandou que me trouxessem aqui para baixo... Eu já a vi algumas vezes. Os outros a respeitam. A capitã, eu deduziria... o notório Dragonsbane é ela?

Hesito antes de assentir.

– Minha tia – admito. – Gêmea da minha mãe.

O choque se estampa em seu rosto, claro como palavras em uma página.

– Você está trabalhando com ela? – pergunta ele.

– Esse era o plano, mas... é mais complicado do que pensei – respondo. – Quero tirar você daqui, mas ela não vai deixá-lo escapar assim tão fácil. Porém, quando conseguir sair, vou precisar que esteja forte. Por isso, preciso que coma.

Empurro a bandeja em sua direção outra vez.

Seus olhos demoram-se nos meus antes que ele desdobre as pernas e olhe para a bandeja.

– Comece do começo – pede ele, pegando um pedaço do biscoito de massa dura e tentando quebrá-lo em dois. O esforço é maior do que deveria, contudo ele acaba conseguindo. – E, dessa vez, fale a verdade.

Espero sentir uma farpa em sua voz, mas nada acontece. Novamente, sua fala é uma simples constatação.

Então, conto tudo a ele. Falo sobre a morte de Ampelio, que sempre achei que seria quem me resgataria. Digo a ele como decidi me salvar. Conto sobre o aparecimento de Blaise e como as coisas em Astrea estavam piores do que eu imaginava, quantos milhares de pessoas o kaiser havia matado. Digo a ele como percebi que me salvar não era suficiente.

Embora as palavras se prendam em minha garganta, eu me forço a contar sobre o plano que Blaise e eu elaboramos, como eu deveria seduzir a ele, Søren, para obter informações e colocá-lo contra o kaiser. Eu me forço a admitir que fui eu quem teve a ideia de matá-lo para colocar os kalovaxianos uns contra os outros e iniciar uma guerra civil.

Espero que ele rejeite essa ideia, que me olhe como se não me conhecesse, mas sua mente já está maquinando. Posso ver isso em seu olhar distante, na maneira como franze a boca e a retorce de lado.

– Se tivesse levado a cabo, provavelmente teria funcionado – admite ele.

– Eu sei.

Nenhum dos dois fala sobre o momento nos túneis sob o palácio, quando levei meu punhal às suas costas e ele estava tão consumido pela culpa em relação às vidas que havia tirado em Vecturia que me disse que fosse em frente. Nenhum dos dois fala sobre a razão de eu não ter ido até o fim.

– O que aconteceu com Erik? – indaga ele.

Erik. Não pensei mais nele desde a última vez que o vi.

– Eu disse a ele para buscar Hoa e deixar o palácio. Imagino que deva ter feito isso, caso contrário o kaiser teria mandado que a levassem ao salão com Elpis. Espero que os dois estejam em algum lugar seguro, qualquer que seja – digo.

Ele assente lentamente, as sobrancelhas franzidas.

– Ele é meu irmão – diz devagar, e eu me pergunto se essa é a primeira vez que ele diz isso em voz alta.

– Meio – corrijo.

– E que meio... – concorda ele, em tom zombeteiro. – Fale para mim sobre Dragonsbane.

Conto a ele como ela tenta me sabotar sempre que tem uma chance, como me pinta como uma criança bem-intencionada, porém incompetente, que não tem a menor condição de governar, e como age como uma tia amorosa que só quer o melhor para mim e para Astrea.

– O que você acha que ela quer de fato? – pergunta ele.

– Não sei – admito. – Acho que ela quer ajudar Astrea. É o país dela, afinal de contas. Mas também quer lucrar com isso. Blaise disse que ela cobrava de famílias astreanas pelo transporte em segurança para outros países. Ajudava as pessoas, mas sempre lucrando. E agora está tentando me casar com alguém da realeza. Disse que assim teríamos as tropas necessárias para tomarmos Astrea de volta, mas tenho certeza de que tem mais alguma coisa aí que ela vai ganhar ao me controlar.

Com isso, Søren abre um sorriso irônico.

– Ela não sabe, porém, como é difícil controlar você.

– Acho que está começando a ter uma ideia.

Ele come o último pedaço de carne-seca e seu estômago ronca, já exigindo mais.

– Então, começamos daí – diz ele. – Se partimos para Sta’Crivero há quatro dias, devemos chegar lá em mais três. Podemos usar esse tempo para traçar uma estratégia. Conheço um pouco sobre os outros governantes e tenho uma ideia razoável de quem vai enviar seus herdeiros para cortejar você.

– Não tenho o menor desejo de ser cortejada – digo, hesitando em seguida. – Mas, hipoteticamente, tem alguma opção decente entre eles?

Ele considera a pergunta por um momento.

– Depende do que você está buscando.

– No plano ideal? Uma maneira de recuperar meu país sem dar total soberania a um estranho com o maior lance – respondo.

Ele balança a cabeça.

– Ninguém vai enfrentar meu pai se não tiver pessoalmente algo a ganhar com isso.

– Meu medo era que você dissesse isso – replico, pegando a bandeja dele.

Olho para a pequena vigia acima de sua cabeça, onde a luz do amanhecer se infiltra.

– Vou tomar café da manhã, mas volto logo depois. Vou trazer mais um pouco de comida e você pode me falar mais sobre os pretendentes em potencial.

Por um instante, acho que ele vai protestar, mas, em vez disso, assente.

Começo a me levantar, contudo antes que eu o faça ele estende a mão e segura meu pulso. Seus dedos ensanguentados o envolvem completamente e seguram com firmeza, de uma maneira que me tira o fôlego, apesar da atmosfera na cela, das correntes e do sangue. Eu havia esquecido o efeito que o toque dele exerce em mim. Quero me afastar, mas, ao mesmo tempo, não quero.

– Yana crebesti, Theodosia – diz ele.

As palavras ficam presas na minha garganta. Eu confio em você. Depois de tudo que fiz a ele – tudo o que fizemos um ao outro –, confiança não deveria existir entre nós. Mas aqui está ele, depositando sua fé em mim.

Olho para a mão dele em torno do meu pulso e volto a encará-lo.

– Theo – digo a ele. – Pode me chamar de Theo.

– Theo – repete ele, antes de soltar meu pulso.

Não demoro a deixar a cela, ouvindo sua voz ecoar em minha mente, mesmo enquanto me despeço dos guardas e tento limpar o sangue do pulso para que não vejam.

Fico ouvindo ele dizer meu nome, e queria que Artemisia estivesse aqui para me obrigar a voltar à realidade. Sempre pensei que meus sentimentos por Søren não fossem meus de fato, mas sim de Thora, a garota arrasada e derrotada que o kaiser havia criado a partir das minhas ruínas. Acreditava que as duas eram mantidas separadas o suficiente para não se sobreporem. Pensava que, ao deixar o palácio, eu a tinha deixado também.

Mas aqui estou eu, a centenas de quilômetros de distância, e meus sentimentos por Søren continuam tão complexos e intrincados quanto na noite em que fugi.

AULA

Não volto direto para Søren. Sei que ele ainda está com fome e precisa da companhia de alguém que não queira espancá-lo, mas a ideia de ficar sozinha com ele outra vez me paralisa. Não que eu não confie em mim perto dele. É que a maneira como ele me olha ressalta minhas vulnerabilidades e traz de volta pedacinhos de quem eu era no palácio. A proximidade dele me faz esquecer que sou uma rainha e que existem dezenas de milhares de pessoas que dependem de mim. Preciso recorrer a todas as minhas forças para não ordenar aos guardas que me deem as chaves para que eu possa tirá-lo de lá, a despeito das consequências.

Mudando de direção, eu me encaminho para a popa do navio, uma bandeja equilibrada nos braços enquanto procuro uma cabeleira azulada.

É fácil localizar Artemisia em meio ao caos, o cabelo brilhante se destacando entre os vários tons de castanho e preto que a maioria dos astreanos tem. Ela se encontra em um espaço aberto na popa, com uma espada em cada mão. São menores do que as espadas que os kalovaxianos costumam usar, embora não tão pequenas que possam ser chamadas de punhais. Seu comprimento é aproximadamente a medida do cotovelo de Artemisia à ponta de seu dedo médio esticado, e ambas têm punho com filigrana de ouro que cintilam à luz do sol.

Não reconheço seu adversário, mas ele parece uns dois anos mais velho que ela e é muito mais alto, com ombros largos e rosto de ângulos mais pontiagudos que cacos de vidro. Os olhos escuros estão atentos a Artemisia enquanto os dois se circundam, a boca contraída. De sua parte, Artemisia mais parece dançar do que caminhar, cada movimento tão gracioso

quanto o de um gato. Ela até sorri para o garoto, se é que se pode chamar sua expressão de sorriso.

De repente, eles se lançam um sobre o outro, metal retinindo contra metal no momento em que suas espadas se chocam.

Fica claro na mesma hora que se trata de uma disputa desigual, embora não da maneira que a princípio se pensaria. Apesar de duas vezes maior e mais forte que Artemisia, os movimentos do garoto são lentos e desajeitados, e Artemisia é tão rápida que ele mais erra do que acerta, desperdiçando a energia que precisa para acompanhá-la.

Ela está se exibindo, fazendo um giro aqui, um arco desnecessário porém dramático em seu ritmo acolá. Para ela, é mais uma performance do que uma luta – até que deixa de ser. Artemisia percebe o momento em que a respiração dele fica mais pesada, os passos se arrastando, e nesse momento ela redobra seus esforços. Seus golpes vêm um após o outro, embora ele consiga bloquear todos. Artemisia parece querer que ele faça justamente isso e usa a concentração dele para fazê-lo recuar cada vez mais, até que ele tropeça em uma prancha irregular no convés e cai para trás. Antes que o garoto possa registrar o que está acontecendo, Artemisia está em cima dele, as espadas cruzadas sobre o pescoço e com um sorriso triunfante.

Não sou a única assistindo à luta. Dezenas de outras pessoas interromperam seu trabalho para observar, boquiabertas, o espetáculo, e agora a aplaudem.

– Eu poderia dizer que senti falta de treinar com você – diz o garoto, mais divertido do que aborrecido com a derrota. – Mas seria uma meia verdade. Vou acordar todo dolorido amanhã, você sabe.

Artemisia solta um som de reprovação.

– Você se descuidou enquanto estive fora – devolve ela, guardando as espadas nas bainhas presas à cintura e estendendo a mão para ajudá-lo a se levantar.

Ele é suficientemente orgulhoso para ignorar a mão estendida, levantando-se com um gemido. Então, recolhe suas espadas e as embainha.

– Eu não esperava que você voltasse tão bem – diz ele. – Quando arrumou tempo para treinar nas minas?

Ela dá de ombros, embora uma sombra tome conta de seu rosto.

– Não treinei, mas consegui armazenar muita raiva, e isso compensa músculos enferrujados. Pelo menos um pouco.

O garoto parece querer dizer alguma coisa, mas então seus olhos me descobrem e se arregalam.

– V-vossa Majestade – gagueja ele, curvando-se em uma mesura apressada antes que eu possa dizer a ele que não é necessário.

Artemisia se vira, ficando de frente para mim, as bochechas rosadas pelo esforço.

– Isso foi impressionante – digo a ela.

– Seria mais divertido com um adversário que tivesse empunhado uma espada no ano passado – responde ela, lançando um olhar falsamente furioso ao parceiro.

Ele revira os olhos.

– Vou praticar mais – garante. – E você vai se arrepender de eu ter empunhado uma espada quando eu a derrotar.

Ela bufa.

– Como se você fosse conseguir – replica ela. – Theo, este é Spiros.

– Prazer em conhecê-lo – digo a ele. – Acredite, você se saiu muito melhor do que eu me sairia.

– Já me ofereci para corrigir isso – lembra Artemisia antes de notar minha bandeja. – Vai tomar o café da manhã na sua cabine?

– Não exatamente – respondo. – Você tem alguns minutos livres?

Ela faz que sim antes de se voltar para Spiros.

– Vejo você na ceia.

– Se eu conseguir andar até lá – replica ele.

Artemisia e eu não falamos até estarmos a uma distância segura de ouvidos indiscretos. Quando confesso sobre minha visita a Søren, ela não perde tempo me dizendo quanto fui imprudente.

– Assim que o turno dos guardas chegar ao fim, eles vão dar com a língua nos dentes e contar à minha mãe sobre a sua visita, e ela vai encontrar uma maneira de usar isso contra você – diz ela.

– Eu sei – retruco. – Mas tenho uma ideia em relação a isso.

Artemisia arqueia a sobrancelha escura e franze os lábios, esperando que eu continue.

– Seu dom permite que você mude a sua aparência. Pode mudar a minha?

Ela parece surpresa por meio segundo antes de sua boca curvar-se em um sorriso.

– Posso. Mas, em troca, vou colocar uma espada em suas mãos e ensinar a você como usá-la. Feito?

Começo a protestar novamente, mas então penso na maneira como ela lutou há alguns minutos, destemida, poderosa e pronta para derrotar qualquer inimigo. Eu ainda não sei se tenho essa capacidade, mas gostaria de descobrir.

– Feito – responde.

Artemisia dá um breve aceno de aprovação.

– Muito bem, de quem é o rosto que você quer experimentar?

• • •

É estranho ter o rosto da minha mãe. O rosto de Dragonsbane, lembro a mim mesma, embora eu não tenha a sensação de ser Dragonsbane. Tento imitar sua postura enquanto Artemisia e eu caminhamos em direção aos guardas. Art conseguiu mudar a aparência das minhas roupas, mas não conseguiu fazer nada em relação às botas – espero que minha postura ereta ajude a disfarçar o fato de que sou alguns centímetros mais baixa que Dragonsbane.

Quando os guardas veem que nos aproximamos, eles se empertigam um pouco mais.

– Capitã – dizem em uníssono.

– Vim ver o prisioneiro – replico, disparando as palavras à maneira de Dragonsbane.

– Claro – diz um dos guardas, tentando, um tanto atrapalhado, abrir a porta o mais rápido possível.

– Alguma coisa que vocês gostariam de relatar? – pergunto, sabendo que sim.

Os guardas não me desapontam. Eles se atropelam para me contar sobre minha própria visita, quanto tempo permaneci ali, o que ouviram através da porta. Fiz uma anotação mental para falar mais baixo, ainda que não tenham ouvido nada particularmente comprometedor dessa vez. Apenas minha preocupação, minhas tentativas de persuadi-lo a comer.

– Vocês não comentarão isso com ninguém, entendido? – ordeno, olhando de um para outro, tentando transmitir a mesma intensidade que Dragonsbane sempre demonstra.

Ambos assentem freneticamente e dão um passo para o lado, para que Artemisia e eu passemos.

• • •

Eu deveria ter trazido papel e uma pena comigo. Não tinha esperado tantas informações de Søren – talvez os nomes de um punhado de outros países semelhantes a Astrea dispostos a se unir a nós contra o kaiser –, mas ele lista perto de uma dúzia, e Artemisia tem outros tantos a acrescentar. O fato é que ter crescido em um navio tripulado por pessoas de todas as partes do mundo deu a ela uma visão única dos elementos dessas culturas que Søren nunca percebeu durante suas visitas a tais cortes.

Cada país parece ter uma estrutura diferente. Nenhum deles é um matriarcado, como Astrea, mas muitos seguem a mesma estrutura patriarcal de Kalovaxia, mesmo que os nomes dos cargos nos governos mudem. Há reis, imperadores e potentados, mas, até onde compreendo, todos significam a mesma coisa, mais ou menos.

– Nunca entendi o conceito de identificação da linhagem através de herdeiros do sexo masculino – admito depois de Søren me contar sobre o príncipe Talin de Etralia, cuja legitimidade como herdeiro é, na melhor das hipóteses, questionável.

– É assim que a maior parte do mundo opera – afirma Søren.

Embora não possua os poderes curativos de Heron, Artemisia conseguiu usar seu Dom da Água para limpá-lo e enxaguar suas feridas a fim de evitar que infeccionem. Mais uma vez, é apenas temporário. Depois que formos embora, será apenas uma questão de horas antes que ele seja agredido outra vez. Esse pensamento pesa muito na minha consciência, mas sei que Art tem razão: não há nada que eu possa fazer em relação a isso. Não agora, pelo menos.

– No entanto, os patriarcados são extremamente frágeis – digo. – É fácil lançar dúvida sobre a paternidade de um herdeiro, mas quase impossível se você segue a linha materna. Ninguém pode dizer com certeza quem era meu pai, mas a identidade da minha mãe nunca foi questionada. Ninguém jamais duvidaria de minha legitimidade como herdeira do trono.

Artemisia pigarreia.

– A menos que haja gêmeos, é claro – observa ela.

Quando Søren e eu nos viramos para olhá-la, ela suspira e senta-se ereta no lugar onde estava encostada na parede diagonalmente oposta a Søren.

– Existe uma história sobre o nascimento de nossas mães – começa a contar para mim. – Parece que amarraram uma fita no tornozelo da que nasceu primeiro. Por mais frágil que fosse esse sistema, não havia precedentes, então fizeram o melhor possível. É claro que bebês são coisinhas que ficam se contorcendo, então a fita caiu em menos de uma hora. Foi quando a rainha, nossa

avó, optou por uma delas. Foi uma escolha aleatória, baseada em sua intuição, disse ela. E assim foi decidido o destino do nosso país.

Ela conta isso com naturalidade, uma história que ouviu tantas vezes que se tornou uma espécie de mitologia, mas que ferrou minha nuca como um inseto. Søren capta meu olhar e vejo as peças se juntando para ele também. É quase um alívio que Dragonsbane tenha algum tipo de objetivo além de criar o caos e monopolizar o controle, mas, se ela quiser minha coroa, vai ter que arrancá-la dos dedos do meu cadáver.

– Me fale de novo dos bindorianos – peço a Søren, mudando de assunto, embora guarde essa informação no fundo da mente. – Você disse que eles eram uma... o que religiosa...?

– Oligarquia – conclui ele. – Governada por cinco sumos sacerdotes, que são eleitos por delegações menores de sacerdotes comuns, um para cada subterritório. Embora a crença comum seja de que cada sumo sacerdote seja escolhido pelo próprio Deus.

– Deus? – pergunta Artemisia.

– É, eles são monoteístas – afirma ele.

Ela revira os olhos.

– É só falar que eles têm só um deus. Você não está na corte. Suas palavras bonitas não impressionam ninguém aqui.

As bochechas dele ficam vermelhas.

– Eles têm só um deus – corrige ele. – Alguns países são mono... eles têm apenas um deus. Em algumas religiões, esse deus é benevolente e generoso, protegendo seu povo. Em

outras, é vingativo, pronto para vir à terra e puni-los por qualquer tipo de delito.

– Então, como é que isso funcionaria? – indaga Artemisia. – Se uma oli... sei lá o quê... religiosa aparecer para disputar a mão de Theo. Um deles se casaria com ela?

Um bônus dessa instrução é que ela também é uma aula de imersão sobre como manter minha expressão plácida enquanto eles lançam sem parar palavras como casamento, marido e matrimônio. É tudo hipotético, lembro a mim mesma. Não concordei com nada e não vou concordar, mas seria imprudente entrar na corte sta'criverana ignorando tudo isso.

– Acredito que não – responde ele. – São todos celibatários. Seu interesse seria apenas em Astrea e em governarem lá.

– Governarem parcialmente. Hipoteticamente – corrijo, embora esse também seja um pensamento apavorante. – Alguma coisa me diz que eles não estariam muito interessados em respeitar nossas crenças.

Søren hesita antes de balançar a cabeça.

– Visitei Bindor uma vez há alguns anos e não tive uma só conversa com qualquer um deles que não fosse forçosamente conduzida para uma tentativa de me converterem.

– Ótimo – digo com um suspiro. – Eles estão fora, então.

É o mesmo que eu disse sobre a maioria dos herdeiros que Søren mencionou, e nem os que não rejeitei de imediato não parecem opções válidas. Mas dava para ver que Søren e Art estavam ficando frustrados comigo, por isso falei que pelo menos os consideraria. O problema não é nenhum dos potenciais pretendentes. Eu sei disso e eles também devem saber. O problema é que não suporto a ideia de me casar, muito menos

com um estranho com segundas intenções. Se houvesse outra opção – qualquer outra opção –, eu nem cogitaria a ideia. No entanto, por mais terríveis que pareçam todas essas perspectivas, não posso negar que precisamos de mais tropas, e isso não virá sem um preço alto.

– Voltemos ao rei Etristo – digo, mas Artemisia e Søren trocam um olhar cansado.

Até para eles, o rei Etristo, de Sta'Crivero, é um enigma. Søren conheceu o homem, mas mesmo assim não tem muito a dizer. Posso contar o que sei sobre ele usando apenas três dedos.

Primeiro, ele está na casa dos sessenta ou dos setenta – Søren e Artemisia discordam nesse ponto.

Segundo, ele tem várias filhas, mas apenas um filho legítimo, que já tem seu próprio herdeiro. A linhagem real sta'criverana está garantida por pelo menos mais duas gerações.

E terceiro, desde que os kalovaxianos começaram suas conquistas, há quase um século, Sta'Crivero aceitou refugiados dos países que foram devastados. Eles são um dos poucos países fortes demais para que os kalovaxianos os tenham como alvo.

– Não tem mais nada? – insisto, mas Søren e Artemisia balançam a cabeça.

– E quanto a ele? – pergunto. – É gentil ou cruel? Sábio ou obtuso?

Søren dá de ombros, mas Artemisia franze os lábios.

– Não sei mais nada sobre o rei, mas sei que Sta'Crivero é um país rico. Há séculos não entram em uma guerra. Não precisam valorizar coisas úteis, então valorizam coisas bonitas.

A implicação é clara.

– Eu não sou uma coisa – digo.

– Eu sei disso e você sabe disso – replica Artemisia, revirando os olhos. – Mas eles não. E não vão se dar ao trabalho de fazer a distinção.

ATAQUE

Um som de campainha atravessa a névoa do sono que envolve minha mente e me arrasta de volta ao mundo depois do que me parece apenas alguns minutos, embora a luz do amanhecer infiltrando-se pela vigia signifique que devem ter se passado horas. Eu pisco, tentando afastar o sono, e me sento, antes de perceber que alguma coisa está errada.

Não é um sinal que marca a mudança de turno, o horário de uma refeição ou um anúncio de Dragonsbane. Em todos esses casos, soa um único gongo. Agora, no entanto, três sinos diferentes tocam em conjunto, sem dar mostras de cessar.

É um alarme.

Jogo o cobertor para o lado e me ponho de pé num salto, vestindo o manto sobre a camisola e enfiando os pés rapidamente nas botas grandes demais. Meu coração martela no peito enquanto milhares de pensamentos atravessam minha mente, ampliados pelo soar ininterrupto dos sinos.

Os homens do kaiser me encontraram.

Eles vão me acorrentar e me arrastar de volta.

Acabou tudo.

Eu fracassei.

Afasto essas preocupações e sigo para a porta, decidida a descobrir o motivo da confusão, mas, quando a abro, dou de cara com Spiros do outro lado, espadas guardadas nas bainhas e punho erguido para bater na porta.

– V-vossa Majestade – gagueja ele, os olhos disparando ao redor, fixando-se em qualquer ponto, menos em mim, enquanto a mão pende ao lado do corpo.

– O que está acontecendo? – pergunto.

Tenho que gritar para ser ouvida acima dos sinos.

– Ficamos sabendo que tem um navio comercial kalovaxiano a alguns quilômetros a leste e a capitã decidiu ir atrás dele. Agora estão todos no convés, preparando-se para o ataque.

Meu corpo se curva de alívio e eu preciso segurar o batente da porta para me manter de pé. Somos nós que estamos atacando, não o contrário.

– A capitã diz que Vossa Majestade deve ficar na cabine até que estejamos em segurança.

A ordem me envolve como um espartilho apertado, embora eu saiba que é a atitude mais correta. Não tenho utilidade em um ataque. O melhor que posso fazer para ajudar é me manter fora do caminho.

– E você está incumbido de ser a minha babá? – pergunto em vez de argumentar.

Ele franze a testa.

– Sou a sua guarda, Vossa Majestade.

– Sim, já tive guardas como você antes – digo e me arrependo imediatamente. Nada disso é culpa de Spiros. – Isso acontece com frequência, não é? – indago.

Ele faz que sim com a cabeça.

– A cada poucas semanas.

– Teremos baixas? Entre os nossos? – pergunto.

Ele hesita.

– Geralmente pagamos um preço – responde ele, cauteloso.

Ampelio achava que o preço era alto demais, lembro de Blaise ter dito uma vez, sobre Dragonsbane e seus métodos.

Abro mais a porta.

– É melhor você entrar. Vai ser uma longa manhã.

Spiros assente, porém a nuvem escura não deixa seu rosto quando ele entra na cabine.

– Quanto tempo costuma durar? – pergunto a ele.

– Algumas horas. Dragonsbane é bastante eficiente. Provavelmente poderíamos tomar o navio com os olhos vendados. Nós nos aproximamos o máximo possível antes de virar o lado do canhão para eles. Não é bom fazer essa manobra muito rápido, para não oferecer a eles um alvo maior – explica ele. – É muito mais difícil danificar a proa de um navio.

Faço que sim com a cabeça e espero que continue.

– Às vezes eles se rendem antes de dispararmos. A essa altura já conhecem a reputação de Dragonsbane. Além disso, corre o boato de que ela é misericordiosa com aqueles que se rendem, que costuma permitir que sigam para Esstena, Timmoree ou algum outro país pequeno e vivam por lá, contanto que jurem jamais retornar a Astrea. No entanto, a capitã jamais mostrou misericórdia para qualquer kalovaxiano.

– E se não se renderem?

Spiros dá de ombros.

– Disparamos contra eles até que se rendam, ou até o navio afundar. Caso se rendam, nós os saqueamos e depois afundamos o navio e todas as Pedras do Espírito a bordo.

Ele faz uma pausa, mas posso ver que ainda não terminou, então não o interrompo.

– Eu costumava ver nisso um insulto aos deuses, deixar todas aquelas pedras preciosas irem para o fundo do mar, mas acho que é a coisa mais generosa que podemos fazer. Afinal, não podemos devolvê-las às minas. Pelo menos assim ninguém pode utilizá-las.

Por um instante, não digo nada, mas não consigo segurar a língua por muito tempo.

– Estou mais preocupada com os escravos que afundam com os navios que não se rendem.

Ele não se surpreende com a minha resposta. Spiros apenas parece cansado. Esse não é um argumento novo para ele.

– É um preço alto a pagar – concede, embora suas palavras soem distantes e ele pareça perdido em seus próprios pensamentos. – Às vezes é por uma boa causa, às vezes não.

• • •

Quando o Fumaça dispara seu primeiro canhão, agitando o navio com tamanha força que uma vela apagada rola da escrivaninha, Spiros não pula de susto como eu. Ele mal parece ouvir, embora o disparo deixe meus ouvidos zumbindo. Ele se recosta na porta, como se quase esperasse que eu passasse correndo por ela a qualquer momento.

– Há quantos anos você está com Dragonsbane? – pergunto, aninhada na beira da cama.

Sinto que preciso quase gritar para me ouvir. Assim que os disparos do canhão começaram, tornaram-se constantes. Mas ao menos tudo parece estar vindo do nosso navio.

Ele dá de ombros e desliza pela porta até se ver sentado, os braços firmemente junto às laterais do corpo, preparando-se para a próxima explosão do canhão.

– Desde antes do cerco – diz ele. – Não me lembro de nada antes, sinceramente, mas sei que meu pai se juntou à tripulação dela depois que minha mãe morreu. Antes disso, morávamos em Naphia – conta ele, referindo-se a uma cidade astreana na base da cordilheira de Grulain.

– Naphia é linda – observo. – Eu só fui lá uma vez com minha mãe, antes do cerco, mas os campos de lavanda tinham acabado de florescer e era tudo maravilhoso.

Spiros torna a dar de ombros.

– Imagino que sim. Voltamos lá há alguns anos. Dragonsbane tinha sido contratada por refugiados escondidos nas montanhas e passamos por Naphia no caminho até eles. Estava... – Ele faz uma pausa. – Não existia mais nada. A vila tinha sido destruída e queimada. A mesma coisa com os campos de lavanda. Só sobrou terra árida, como se ninguém nunca tivesse pisado lá antes de nós. Dezenas de gerações apagadas.

Meu peito aperta.

– Sinto muito – digo. – Eu sei o que é perder sua casa.

Ele balança a cabeça.

– O Fumaça é a minha casa.

Outro disparo de canhão, fazendo o navio estremecer. Eu me encolho, contraindo os braços ao lado do meu corpo até os tremores cessarem.

– Não consigo imaginar crescer assim. Sempre sob ataque.

Ele me dirige um olhar engraçado e eu me dou conta do que disse.

– Bem, não foi assim, de qualquer forma – continuo. – Aqueles disparos eram... – interrompo diante de outro disparo – mais silenciosos.

– Eles não estão revidando – diz Spiros após alguns instantes. – Os disparos são apenas nossos. Provavelmente os pegamos de surpresa e agora devem estar correndo feito baratas tontas. Será um trabalho fácil.

É difícil imaginar os kalovaxianos correndo feito baratas tontas. Na minha experiência, sempre foram guerreiros estoicos e durões, sempre dois passos à frente dos inimigos. Mas há uma razão para Dragonsbane ter conseguido escapar deles por tanto tempo. Apesar de tudo, eu a respeito por isso.

– O que vai acontecer agora? – pergunto.

Ele reflete por um momento, os olhos escuros ficando pensativos.

– Logo vão acenar com a bandeira branca... isso significa que eles se renderam.

– Eu sei o que significa uma bandeira branca – digo. – Os kalovaxianos a usam como metáfora, mas sempre ouvi dizer que seus navios não estão equipados com elas... Morrer antes de se render... essas coisas.

Ele ri.

– Essas são palavras fortes, mas são só palavras. Os kalovaxianos têm instinto de sobrevivência, como qualquer um. Se precisarem, vão erguer as camisetas brancas que usam debaixo das roupas.

Os deuses sabem quantos cortesãos kalovaxianos vi atropelarem uns aos outros para salvar sua reputação e seu orgulho – posso apenas imaginar como agiriam se suas vidas estivessem em perigo. No entanto, enquanto ainda penso nisso, lembro de quando estava no túnel com Søren, tendo meu punhal nas costas dele. Lembro de ele me dizendo que fosse em frente.

– Suponho que Søren esteja seguro na cela... – digo a Spiros.

Ele franze a testa.

– Ele tem guardas para mantê-lo lá.

– Assim como eu tenho você?

Ele bufa.

– Os dele não são nem de perto tão amistosos quanto eu.

– E depois que os kalovaxianos se renderem? – pergunto. – O que vai acontecer?

Spiros se recosta na porta à minha frente, cruzando os braços sobre o peito.

– Vamos emparelhar nosso navio ao deles e conectá-los. Não preciso lhe dizer que os kalovaxianos são astutos... Eles vão ter homens à espreita, esperando para nos surpreender quando embarcarmos. Imagino que eles pensem que essa é uma manobra inteligente, mas todos fazem isso. Enviamos nossos

homens mais fortes, prontos para a luta, e qualquer resistência logo é eliminada. Esse costuma ser o meu trabalho.

– Parece perigoso – comento. – Especialmente porque Artemisia derrotou você com tanta facilidade quando duelaram.

Spiros sorri timidamente e esfrega a nuca.

– Duelar é diferente de lutar na batalha. Art sabe disso também. Não é preciso ter graça na batalha, ninguém precisa de estilo. Você só tem que se mover mais rápido e bater mais forte que seus adversários. Duelar é mais como dançar... Você respeita seu parceiro, você o entende. É ao mesmo tempo uma partida de xadrez e um esporte mais físico. Essa é a parte em que fiquei enferrujado.

– E depois? – insisto.

Ele dá de ombros.

– O restante da tripulação embarca. Pegamos o que precisamos... dinheiro, roupas, objetos de valor. A capitã tenta extrair alguma informação deles, mas, mesmo com a faca no pescoço, eles ainda temem mais o kaiser. É raro dizerem algo de útil. E, quando dizem, em geral a informação se prova falsa.

– Então, ela os mata – finalizo.

Não é exatamente um jogo limpo, mas conquistar países indefesos também não é.

– Daqui a pouco vai estar tudo acabado – diz Spiros.

Concordo, mas não o estou ouvindo mais. Uma ideia tênue começa a tomar forma em minha mente, ganhando corpo devagar. Será preciso agir rápido e será preciso ir contra as ordens de Dragonsbane, mas eu só me permito hesitar por

alguns segundos antes de dirigir a Spiros meu sorriso mais encantador.

– Imagino que seja difícil para você, Spiros, ficar aqui embaixo preso comigo enquanto toda a ação está acontecendo.

Spiros franze a testa e encolhe os ombros.

– Não me importo – responde ele, mas seus olhos entregam a mentira.

– Pelo menos aqui embaixo você está muito mais seguro – digo.

Em vez de apaziguá-lo, minhas palavras o agitam ainda mais, e ele se afasta da porta, começando a andar de um lado para outro.

– Logo estará acabado – repete ele.

Finjo pensar por um momento.

– Não seria incrível se a última coisa que os kalovaxianos vissem antes de morrer fosse... eu?

Spiros fica em silêncio por um momento.

– Dragonsbane deu ordens específicas para que Vossa Majestade ficasse em sua cabine – afirma ele.

– Claro – concordo. – Minha tia quer me manter em segurança, eu entendo isso. Mas não vou correr perigo algum depois que embarcarmos no navio deles. Você mesmo disse isso.

Ele hesita e posso ver minhas palavras surtindo efeito – sem falar no desejo de Spiros de tomar parte na ação –, mas isso não é suficiente. Sua lealdade a Dragonsbane é inabalável. Então, experimento outra tática, falando bem mansinho.

– Art me disse que, quando mata os kalovaxianos, ela toma de volta um pouco do que eles tiraram dela – conto a ele.

O tremor que o percorre é quase imperceptível, mas está lá.

– Eu gostaria de tomar algo de volta deles também, Spiros. Por favor – prossigo.

– Se eu a deixasse ir – diz ele lentamente –, não faria nenhuma bobagem? Art fala que Vossa Majestade tende a fazer bobagens.

Não posso deixar de rir, sabendo que Artemisia chamaria o que estou prestes a fazer de a maior bobagem do mundo.

– Prometo que não – garanto a ele. – Mas vamos precisar levar prinz Søren conosco.

Ele fica alarmado com a ideia.

– O prinz é um prisioneiro, um prisioneiro kalovaxiano – diz ele. – Por que o levaríamos para interrogar outros kalovaxianos?

Sorrio.

– Porque aqueles homens respeitam Søren tanto quanto você respeita Dragonsbane. E ele estará do nosso lado.

– Vossa Majestade não pode garantir isso – diz Spiros, balançando a cabeça. – Ele é um inimigo. Dragonsbane vai conseguir as informações dos kalovaxianos como sempre faz.

– Informações válidas? – pergunto, e ele hesita. – Você disse que quase nada do que eles dizem de fato se confirma. Porque estão falando com um inimigo, não com alguém que acreditam ser um aliado. Como Søren. Ele está fraco e desarmado, fácil para seus guardas o controlarem, mesmo sem correntes.

– Não vou desobedecer às ordens da minha capitã – diz Spiros em voz baixa, mas isso não é um não.

– Não vai – insisto. – Vai obedecer às da sua rainha. Você vai buscar Heron. Ele não é favorável à violência, portanto você o encontrará em sua cabine. Assim que estiver com ele, me encontrem na cela.

REFÉNS

Quando os aplausos irrompem no convés – o que significa que tomamos oficialmente o controle do outro navio, explica Spiros –, tenho Heron de um lado e Søren e seus guardas do outro. Não tivemos tempo para que Heron curasse todos os ferimentos de Søren, mas pelo menos a aparência estava melhor. O único sinal externo de que ele não é exatamente um hóspede a bordo é o fato de estar mancando, mas ele o esconde tão bem que eu não notaria se não estivesse observando com atenção. Meu punhal está na bacia, embora a peça pareça um pouco sem sentido amarrada sobre a camisola cinza. Demorou um pouco para convencer os guardas a deixar Søren sair sem correntes, mas meu peso como rainha foi o empurrão que os forçou a aceitar. Não se trata de uma carta que poderei usar para sempre, isso o kaiser me ensinou. Um título é muito bom, mas não garante respeito. As ações é que o garantem.

– Você gostaria de me informar o que está planejando? – sussurra Søren enquanto subimos as escadas, com Spiros, Heron e os guardas nos seguindo alguns passos atrás.

Hesito por apenas um segundo.

– Quando Dragonsbane ordenar que os kalovaxianos sejam mortos, você não pode dizer uma só palavra sobre isso.

Embora a iluminação abaixo do convés seja fraca, posso ver que Søren fica um pouco mais pálido.

– Theo... – começa ele. – Entendo que isso é guerra, mas não me peça para assistir.

– Você precisa provar que está do nosso lado de forma inequívoca se quisermos tirá-lo da prisão. – Olho para os guardas, mais atrás, antes de voltar para Søren e baixar a voz. – Por favor, Yana crebesti.

Seus olhos encontram os meus por um mero instante antes que ele baixe o olhar e faça um gesto afirmativo com a cabeça.

Respiro fundo, me preparando, antes de abrir a porta e sair para o convés do Fumaça. É surpreendente que o navio não tenha virado, considerando-se quantas pessoas estão reunidas junto à amurada de bombordo, olhando para um ponto onde posso ver apenas o mastro e as velas vermelhas do navio kalovaxiano.

Søren se esforça para ver além da multidão – mais fácil para ele do que para mim. Depois de um momento, ele pragueja baixinho.

– O que foi? – pergunto.